

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MIRELLY NAZARIO SANTOS

**Dança e Conhecimento: análise da disciplina no discurso de acadêmicos de
Educação Física**

GOIÂNIA
2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MIRELLY NAZARIO SANTOS

**Dança e Conhecimento: análise da disciplina no discurso de acadêmicos de
Educação Física**

Trabalho Final de Curso apresentado em forma de monografia,
como exigência curricular para a obtenção do título de licenciada
em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás –
Unidade ESEFFEGO, sob orientação do Professor Me. Renato
Coelho.

GOIÂNIA
2021

MIRELLY NAZARIO SANTOS

**Dança e Conhecimento: análise da disciplina no discurso de acadêmicos de
Educação Física**

Trabalho Qualificação de Curso apresentado em ____ de _____ de _____, aprovado
pela Banca Examinadora constituída pelos membros:

Prof. Me. Renato Coelho – Orientador

Prof.^a Ma. Rosirene Campelo dos Santos – Parecerista

Prof.^a Ma. Conceição Viana de Fátima – Parecerista

EPÍGRAFE

“Quem consegue aplicar as faculdades dos sentidos à sensação do movimento, dança.”

Alwin Nikolais

“A dança expressa o que não se consegue dizer em palavras, mas que também não pode de forma alguma permanecer em silêncio.”

Victor Hugo

“A dança é a linguagem escondida da alma.”

Martha Graham

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Jeová Deus que me fez permanecer firme durante toda a minha jornada acadêmica, sempre acreditei na educação laica e livre de qualquer preconceito religioso, pois a intolerância religiosa ocasiona diversos conflitos. Mas apesar disto, sempre acreditei e vou acreditar no Poder e Soberania do Senhor que sirvo, com respeito às crenças dos meus semelhantes, meu primeiro agradecimento é ao Deus que me sustenta.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe Hildenir Pereira Santos e ao meu irmão Thallyson Vinicius Nazario Santos, que durante esses quatro anos de graduação sempre me incentivaram e motivaram a não desistir, suportaram minhas crises e inconsistências, mostrando o poder e a paciência que o amor possui.

Reservo um agradecimento aos meus colegas de turma, dos mais íntimos como a Ana Paula Nunes, a Regiany Oliveira e a Luana Oliveira, que são pessoas muito especiais em minha vida e quero muito leva-las para além dos muros da universidade, agradeço também àqueles que não me aproximei tanto, porém qualquer troca de experiências que tenha sido depositada em minha bagagem acadêmica foi de grande valia para mim.

E por fim, mas não menos importante, agradeço aos docentes da Universidade Estadual de Goiás – unidade Goiânia, ESEFFEGO, que foram agentes importantíssimos para a minha evolução acadêmica, não somente como profissional mas também como um ser humano que deve exercer com consciência e crítica sua cidadania. Em especial agradeço ao meu orientador, Me. Renato Coelho, que foi compreensivo e me ajudou durante toda a construção deste trabalho.

RESUMO

A Dança é uma construção histórica da humanidade, que carrega consigo diversas características e tem passado por muitas transformações. Simbolizada como o movimentar do corpo através dos gestos ritmados por alguma musicalidade, a Dança é uma área de conhecimento perpassada de geração em geração. Pode-se compreender a importância desta criação através dos diversos estudos publicados atualmente, onde a Dança está inserida em diferentes âmbitos, como por exemplo, na religião, na arte e cultura, na educação, etc.

Entender a Dança e perceber sua contribuição para a humanidade, não apenas como entretenimento, mas como algo transformador, lhe atribuindo a transcendência que merece, se faz necessário para não cair no esquecimento sua verdadeira essência, um conhecimento de diferentes culturas e da arte.

Este estudo tem o intuito de investigar as concepções que são atribuídas à Dança enquanto disciplina na formação inicial, a fim de entender as convicções da importância desta vivência na percepção dos discentes.

Assim sendo, busco delinear um estudo com caráter qualitativo planejado através de entrevistas semiestruturadas, com alunos do curso de Educação Física – Licenciatura, da Universidade Estadual de Goiás, unidade Eseeffego, em Goiânia. Principiando a hipótese de a Educação Física ser concebida como o lugar que aborda as manifestações do e no corpo, explorando as práticas corporais individuais e coletivas, apresentando a Dança como um componente curricular obrigatório pode proporcionar conhecimentos práticos e teóricos a fim de elucidar as concepções dos discentes da área sobre tal disciplina na formação inicial.

Palavras-chave: Conhecimento; Dança; Educação Física; Formação Inicial.

ABSTRACT

Dance is a historical construction of humanity, which carries with it several characteristics and has gone through many transformations. Symbolized as the movement of the body through gestures rhythmic to some musicality, Dance is an area of knowledge passed down from generation to generation. One can understand the importance of this creation through the various studies published today, where Dance is inserted in different areas, such as religion, art and culture, education, etc.

Understanding Dance and realizing its contribution to humanity, not only as entertainment, but as something transformative, giving it the transcendence it deserves, is necessary not to forget its true essence, a knowledge of different cultures and art.

This study aims to investigate the conceptions that are attributed to Dance as a discipline in initial training, in order to understand the convictions of the importance of this experience in the perception of students.

Therefore, I seek to outline a study with a qualitative character planned through semi-structured interviews, with students from the Physical Education course – Licenciatura, at the State University of Goiás, Esf. Efeito unit, in Goiânia. Beginning with the hypothesis that Physical Education is conceived as the place that addresses the manifestations of and in the body, exploring individual and collective bodily practices, presenting Dance as a mandatory curricular component, it can provide practical and theoretical knowledge in order to elucidate the conceptions of area students about this discipline in initial training.

Keywords: Knowledge; Dance; PE; Initial formation.

RESUMEN

La danza es una construcción histórica de la humanidad, que conlleva varias características y ha pasado por muchas transformaciones. Simbolizada como el movimiento del cuerpo a través de gestos rítmicos con cierta musicalidad, la Danza es un área de conocimiento que se transmite de generación en generación. Se puede comprender la importancia de esta creación a través de los diversos estudios publicados hoy, donde la Danza se inserta en diferentes áreas, como la religión, el arte y la cultura, la educación, etc. Entender la Danza y darse cuenta de su aporte a la humanidad, no solo como entretenimiento, sino como algo transformador, dándole la trascendencia que se merece, es necesario no olvidar su verdadera esencia, el conocimiento de diferentes culturas y arte. Este estudio tiene como objetivo investigar las concepciones que se le atribuyen a la Danza como disciplina en la formación inicial, con el fin de comprender las convicciones sobre la importancia de esta experiencia en la percepción de los estudiantes. Por tanto, busco esbozar un estudio de carácter cualitativo planificado a través de entrevistas semiestructuradas, con alumnos del curso de Educación Física - Licenciatura, de la Universidad Estadual de Goiás, unidad Eseffego, en Goiânia. Partiendo de la hipótesis de que la Educación Física se concibe como el lugar que atiende las manifestaciones del y en el cuerpo, explorando las prácticas corporales individuales y colectivas, presentando la Danza como un componente curricular obligatorio, puede aportar conocimientos prácticos y teóricos con el fin de dilucidar las concepciones de los alumnos del área sobre esta disciplina en la formación inicial.

Palabras llave: Conocimiento; Danza; Educación Física; Formación inicial.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. CAPÍTULO I: | |
| O PERCURSO HISTÓRICO DA DANÇA..... | 13 |
| 1.2. A dança enquanto arte e cultura..... | 18 |
| 2. CAPÍTULO II: | |
| O DIÁLOGO DANÇA E EDUCAÇÃO | 24 |
| 2.1. Dança e Educação Física | 28 |
| 3. CAPÍTULO III: | |
| ESEFFEGO E EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE HISTÓRICO..... | 32 |
| 4. CAPÍTULO IV: | |
| METODOLOGIA..... | 36 |
| 4.1 Procedimentos Metodológicos..... | 37 |
| 4.2 Análise de Dados e Discussão..... | 38 |
| 4.2.1 Concepções e expectativas dos discentes com relação à disciplina de Dança..... | 39 |
| 4.2.2 Experiências, frustrações e sensações relevantes na Dança reveladas pelos discentes..... | 43 |
| 4.2.3 A disciplina de Dança em aulas remotas..... | 47 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| 6. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 52 |
| 7. APÊNDICES..... | 55 |

INTRODUÇÃO

A Dança como área de conhecimento apresenta múltiplas possibilidades de discernimentos, corrobora com as produções acadêmicas que a determina como uma manifestação da vida, perpassada ao longo dos tempos desde os primórdios da humanidade, repleta de expressividade e significados, com o intuito de fazer do movimentar do corpo para além de simples gestos, é representada como Arte. A Dança, portanto, tem alavancado sua trajetória através das contribuições teóricas e práticas que a mesma proporciona. Logo, se pode compreender a relevância científica que o tema possui, a Dança revela-se como uma Prática Corporal que está inserida no contexto da Educação Física tanto na graduação (formação inicial), quanto na prática profissional através dos diversos espaços de atuação, ou seja, é uma linguagem que propicia discussões que fogem do senso comum, podendo ser discutido em variados contextos.

Vale ressaltar que a Dança percorreu uma trajetória longa para chegar a seu patamar atual, os contextos onde ela se insere são bastante diversos, tornando-se uma ciência completa. A autora Gilsamara Moura (2016) apresenta três importantíssimos contextos (pedagógico, artístico e sociocultural) em que a Dança está inserida, que serão abordados no corpo do trabalho, revelando a magnitude de saberes que esse tema possui.

Para elaboração deste estudo, destaco a minha própria inquietação em compreender quais as concepções apresentadas pelos companheiros de graduação, entender as convicções dos mesmos sobre tal conteúdo. Antes e durante estarem cursando a disciplina, a fim de saber o que esses discentes entendiam a respeito da Dança, e depois de cursar para então captar os seus entendimentos sobre o conteúdo, o que eles apropriaram, se contemplaram suas dúvidas e excitações, analisando de que forma as experiências e as concepções epistemológicas dentro da disciplina vista como arte é capaz ou não de ser um fator importante na construção das convicções e vivências da Dança na vida desses graduandos.

A compreensão das concepções apresentadas pelos acadêmicos participantes do estudo foi o objetivo central desta análise, descrevendo seus entendimentos, interpretando as experiências vividas pelos mesmos, buscando compreender a Dança na formação inicial enquanto disciplina e conteúdo da Educação Física. Segundo Gamboa (2013, p.70):

[...] Para este tipo de abordagem, o conhecimento não está centralizado no objeto e sim no sujeito (*a priori*), a verdade é relativa a cada sujeito que, em relação com o objeto (*adequatio res ad intellectu*), interpreta-o e explica-o ao seu modo. O processo de construção do conhecimento na abordagem fenomenológica é um

processo indutivo, pois vai das partes para o todo, do particular para o geral. [...] a abordagem fenomenológica exige a aproximação e a identificação do sujeito que se revela nos significados que interpreta com relação ao objeto, ao fenômeno estudado.

Esse processo investigativo norteou a construção desta pesquisa, respondendo perguntas e inquietações a fim de produzir rigorosamente a descrição do fenômeno. Essa descrição foi baseada, portanto, nas coletas de dados realizadas dialogando com as construções bibliográficas publicadas acerca do tema, uma vez que é de suma importância a conciliação de ambos.

Para a coleta de dados foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, onde os participantes da pesquisa consentiram em respondê-la, tudo de acordo com os regimentos legais. Vale ressaltar que diante da atual situação pandêmica mundial foram respeitados todos os protocolos sanitários para realização desta pesquisa e todos os decretos estabelecidos pelo Governo do Estado de Goiás serão considerados, a fim de não colocar a saúde dos intervenientes em risco, firmando a importância das medidas preventivas emitidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, para as entrevistas foram utilizados os meios digitais (e-mail, aplicativos de interação, etc.), evitando a disseminação do vírus sars-cov-2, protegendo a mim e aos outros.

As primeiras perguntas do questionário estavam centradas em compreender as concepções dos discentes antes de cursarem as disciplinas (Dança I e II), logo em seguida as perguntas abordaram suas percepções após cursarem as mesmas. Não houve a necessidade de terem cursado ambas as disciplinas, somente uma é suficiente para responder a entrevista, os (as) alunos (as) que estavam cursando Dança I também puderam participar, uma vez que após iniciar os estudos na disciplina somos sim influenciados, possuindo a capacidade de transformar nossos conhecimentos, não havendo a necessidade de concluir a disciplina para tal.

A apropriação dos saberes e das concepções apresentadas pelos acadêmicos participantes do estudo é o objetivo geral desta análise, descrevendo seus entendimentos, interpretando as experiências vividas pelos mesmos, buscando compreender a Dança na formação inicial enquanto disciplina e conteúdo da Educação Física.

Primeiramente, no capítulo I deste trabalho, buscou-se resgatar o percurso histórico da Dança, a fim de evidenciar os caminhos que ela percorreu para chegar até aqui. A Dança enquanto arte e cultura estabelece conexão com outros aspectos que nos fazem compreender o conjunto de elementos que esse conhecimento alcança, sendo de suma importância para

entendê-la como uma construção da humanidade. Esse capítulo introdutório conferencia diretamente com a relevância de se entender o objeto analisado, perpassado ao longo dos tempos, abordando o objetivo específico de compreensão das experiências e concepções epistemológicas trazidas nesse decurso da Dança enquanto arte e cultura, para a vida dos indivíduos que a vivenciam.

No capítulo II, dialogando com o capítulo I e com o objetivo específico da pesquisa de compreender as convicções dos acadêmicos do curso de Educação Física, foi apresentado a Dança enquanto disciplina acadêmica, revelando seus aspectos fundamentais para ser inserida no âmbito educacional, ou seja, desvelar a relação dança e educação. No capítulo III busquei fazer uma breve análise histórica sobre a ESEFFEGO e a Educação Física, para assim no capítulo IV apresentar a metodologia da pesquisa.

A partir das análises feitas nos objetivos desta pesquisa a mesma se enquadra como Fenomenológica, sendo este método caracterizado pela busca da compreensão e descrição do fenômeno pesquisado. Esse processo investigativo norteou a construção desta pesquisa, respondendo perguntas e inquietações a fim de produzir rigorosamente a descrição do fenômeno. Essa pesquisa se caracteriza como não experimental, tratando-se de um Estudo de Caso, onde nesse tipo de investigação busca-se aprofundar numa unidade específica, a fim de compreender as averiguações relevantes para a descrição do objeto pesquisado. É válido ressaltar que, corroborando com tudo que já foi dito anteriormente, esse estudo é delineado a partir dos objetivos como uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo.

Dito isto, pode-se delinear as indagações que este estudo busca iniciar, para entendermos que a Dança tem se construído como algo que reflete positivamente na vida de quem a conhece e experimenta, ainda que no ambiente acadêmico de forma mais aligeirada. Busca acrescentar aos estudos já publicados sobre esse tipo de assunto, que busca conferir à essa manifestação artística e cultural importância e prestígio.

CAPÍTULO I

O PERCURSO HISTÓRICO DA DANÇA

A dança pode ser compreendida como uma expressão humana construída historicamente, sendo representada ao longo dos tempos em diferentes perspectivas. Desde os primeiros momentos da existência humana o homem dançava, existem diversos relatos onde os lavradores dançavam para celebrar o sucesso de suas colheitas. Em rituais religiosos não era diferente, os indivíduos dançavam para expressar seus agradecimentos ou até mesmo arrependimentos, criando danças tão representativas quanto as que existem na contemporaneidade (Sagawa, 2008).

É consenso na literatura a importância de compreender-se o percurso histórico da dança, para assim desmistificar preconceitos, romper tabus, informar de fato a realidade e a transcendência que esta arte alcançou e tem alcançado ao longo dos anos.

A dança é uma construção que se consolidou na vida do homem através do movimento corporal, este ainda não se comunicava oralmente com outros indivíduos, mas se expressava através de seu corpo. Segundo Portinari (1989) citado por Gusso (1997, p.09):

De todas as artes, a dança é a única que dispensa materiais e ferramentas, dependendo só do corpo. Por isso dizem-na a mais antiga, aquela que o ser humano carrega dentro de si desde tempos imemoriais. Antes de polir a pedra, construir abrigo, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para aquecer e se comunicar.

Acredita-se, portanto, que foi através da necessidade do homem de interagir com os seus semelhantes e com a natureza, que a dança possui sua gênese. As danças primitivas são os primeiros registros que podemos encontrar na literatura, elas datam do período 9000 e 8000 a.C (eras Paleolítica e Mesolítica) a 6500 a.C (Período Neolítico), de acordo com Langendonck (2016, p.03) “as danças primitivas eram executadas pelos homens das cavernas e seus movimentos ficaram registrados na arte rupestre, isto é, em desenhos gravados em rochas e nas paredes das cavernas”. Dialogando com os escritos de Langendonck, Claus (2005, p.01) nos traz que:

O homem pré-histórico, da era Paleolítica, era predador. A sua subsistência era mantida através de caça, pesca e coleta. O homem era lançado ao destino e os animais, objetos de sua caça e difíceis de serem vencidos, condicionavam a sua

sobrevivência fornecendo o alimento, a pele para sua roupa e os chifres para a manufatura de instrumentos. O homem Paleolítico vivia em função dos animais e, portanto, a sua Dança se referia a eles. Supõem-se através dos registros, ainda em número pouco significativo, que sua Dança era um ato ritual. Figuras encontradas nas paredes de cavernas e grutas, que datam de até 1000 anos, podem representar ancestrais de dançarinos.

Além da interação com os outros, alguns estudos revelam distintas motivações para o surgimento da dança, como a busca pela obtenção de maior fertilidade, a celebração por uma boa colheita, rituais religiosos e cerimônias sagradas, em lutas, por interação com a natureza suplicando por chuva, fogo, felicidade, saúde, e até mesmo em ocasiões de mortes (atualmente, conhecido por velório), etc. Essas proveniências nos proporcionam a certeza de que a dança está presente na vida do homem há muito tempo, o quanto é relevante essa construção cultural em nosso meio que perdura até a atualidade, se transformando e se reinventando.

Após as danças primitivas, vieram as danças milenares, que são datadas de acordo com a sua localização, sendo neste período que se apresenta diferentes tipos do dançar, ou seja, cada região era caracterizada por sua dança, algo que perdura até hoje. No Egito, ou Egito Antigo denominado em algumas literaturas, a dança foi incorporada a partir dos anos 5000 a.C., caracterizada pela sua forte conexão com a religião, eram danças sagradas realizada aos deuses dessa civilização. Há relatos também que a dança egípcia servia de entretenimento para a aristocracia, com peculiaridades que atualmente assemelham-se aos movimentos realizados na ginástica, os dançarinos também chamados de acrobatas, realizavam suas apresentações em diversas ocasiões da época. De acordo com Gusso (1997, p.12):

[...] via-se nestas danças joelhos flexionados, movimentos acrobáticos principalmente a ponte, movimento de apoio dorsal com as mãos e pés apoiados no solo e com o tronco e membros inferiores formando um arco. A dança egípcia possuía muitos dos movimentos hoje utilizados em desportos como a Ginástica Olímpica.

Outro exemplo muito interessante, que merece destaque por nos apresentar o percurso da dança nas diversas civilizações existentes, e por também evidenciar mais uma vez a forte relação que dança e religião possuíam antigamente, são os povos indianos (2000 a.C.), da mesma forma que os egípcios, dançavam para suas divindades, denominados como “hindus”, essa civilização buscava união com a natureza. Segundo Langendonck (2016, p.04) “Os vários estilos de dança, sempre relacionados a deuses, tinham o mesmo princípio, o de que “o

corpo inteiro deve dançar”. Por isso, as danças indianas apresentam movimentos muito elaborados de pescoço, olhos, boca, mãos, ombros e pés”.

O povo grego também deixou muitas referências a respeito da dança, acredita-se que a Grécia tenha sido uma das sociedades que mais contribuiu para a história dessa arte, pois para eles a dança tinha um forte poder de educar os corpos, ou seja, ela era acessível à todos, auxiliando também nas instruções para a guerra. Alguns filósofos, como Sócrates e Platão, por exemplo, dizia que a dança proporcionava ao homem, benefícios de forma integral. Após um tempo houve declínio na cultura grega, o que colocou a dança num patamar de entretenimento, aqui surgiram as danças teatrais. A respeito das contribuições pertencentes ao povo grego, que impulsionou a história da dança, Claus (2005, p.02) relata:

É possível mapear de forma satisfatória, embora não exata ou definitiva, as Danças praticadas na cultura grega, pois se fez presente desde sempre. A Dança na cultura grega fazia parte do cotidiano dos homens. Estava nos ritos religiosos, nas cerimônias cívicas, nas festas, fazia parte da educação das crianças, do treinamento militar. Mas teve sua primeira manifestação como ato ritual, cerimonial.

Por um período, durante a chamada Idade Média, a Igreja alcançou forte poder, dominando a sociedade juntamente com a nobreza, sendo chamadas de burguesia, nessa época as movimentações corporais eram proibidas e os dançarinos eram perseguidos se desrespeitassem as leis impostas pelo clero. Acreditava-se que era através do corpo que advinha todo o pecado, e dançar tornou-se algo obsceno e coibido. Muitos foram de contra, é claro, e dançavam às escondidas.

Logo após esse tempo vieram algumas doenças que atormentaram os indivíduos, devido esses acontecidos os séculos XI e XII foram marcados pelo que a letradura chama de “danças da morte” ou “danças macabras”, onde as pessoas sacudiam seus corpos e dançavam a fim de espantarem a morte. Com isto, a Igreja passou a tolerar a dança, ainda com uma sutileza de rejeição, aceitava danças que disseminava os ideais religiosos.

Pode-se perceber a influência que a religião possuía sobre a dança, todas as civilizações da época abordavam a mesma em seus rituais sagrados, em adoração aos seus respectivos deuses. É interessante que essa intervenção religiosa perdura até hoje, conhecemos muitas danças atualmente que possuem ligação direta ao culto, celebração, adoração à deuses específicos de cada região, podemos citar aqui como exemplos as danças do Candomblé, a famosa Congada, os Batuques de diversas regiões do país, etc., ou seja, essa

essência religiosa na dança não se perdeu ao passar dos anos, fortalecendo essa manifestação cultural enquanto forma de expressão ao sagrado.

No período identificado como Renascimento, a partir dos séculos XV e XVI, houveram muitas transformações relacionadas aos âmbitos da vida social e cultural, a burguesia começou a ser fortalecida, e aqui a dança voltou ao seu papel de entretenimento. Nos bailes, em grandes festas, como casamentos e aniversários, a dança aparecia em forma de teatro, caminhando sempre junto à música e encenações, onde os artistas estavam muito bem trajados, passando a acrescentar um ar requintado aos seus espetáculos. Conforme Gusso (1997, p.18): “A nobreza necessitava mostrar sua riqueza e ostentá-la, e uma ótima forma de se fazer isto era através dos bailes e das danças de corte, além de possuírem muito tempo para dançar e se entreter”. Concernindo também com os relatos de Langendonck (2016, p.07):

Nessa época, o espetáculo era uma mistura de canto, dança e poesia e constituía um passatempo para o rei e a corte. Os temas escolhidos eram mitológicos, em sua maioria. O rei participava interpretando uma divindade, que as pessoas da corte adoravam.

O desenvolvimento desses grandes bailes e festanças alavancou a dança que foi conquistando muitos admiradores, inclusive reis e pessoas influentes na sociedade da época. Isto passou a exigir dos dançarinos uma profissionalização, surgindo, portanto, algumas escolas de dança para cumprir com essa demanda, estrelando profissionais e influentes nesse sentido.

Interessante dizer que a presença masculina nos palcos era crucial, as mulheres apareciam de forma tímida e quando apareciam eram com vestuários pesados, que lhes impediam movimentar-se suave e precisamente. Com o passar dos tempos essa realidade foi mudando, a mulher roubou a cena e os homens foram ficando em segundo plano, com isto surgiram mulheres dispostas a transformarem a história da dança e o ponto de partida deu-se nos figurinos, com roupas mais leves a fim de lhe proporcionarem maior conforto e mobilidade. Segundo Gusso (1997, p.21):

A maioria dos passos das danças da corte eram destinados aos homens, ficando a mulher em papel secundário, e estas danças só se aprendiam nas cortes. Devido a complexidade cada vez maior dos passos, a dança foi se elitizando e passou a ser apenas um espetáculo e para tal subiu aos palcos. O século XVII foi o período grande do Balé, foi onde ocorreu definitivamente a sistematização, em um espetáculo de 1681, uma mulher pisa no palco de um teatro, é o início da profissionalização do bailarino e da ascensão da mulher na dança. [...] Era a volta da

dança com seu significado de prazer, movimento livre. Com essa revolução, o vestuário solto, permitiu-se que criassem inúmeros movimentos [...].

O período “Romântico”, século XIX, onde o romance esplandeceu as apresentações de balé, consolidando esta forma de dança e também a presença da mulher nos palcos, sendo grandes nomes descobertos nesse período. Na Rússia, foi incorporado ao espetáculo as construções literárias da época, a maioria existente até hoje, como A Bela Adormecida (1840), Barba Azul (1892), Cinderela (1893), O Lago dos Cisnes (1895), etc. (Langendonck, 2016).

Chegamos à Era das transformações industriais, dos progressos em nossa sociedade, que se consolidaram a partir do século XX, e junto com esta modernidade, a dança foi se encaminhando em novas configurações também. Segundo Langendonck (2016, p.11):

A dança, por participar dessa dinâmica, vai buscar novas formas, e podem ser observadas duas grandes tendências: o apego aos códigos clássicos, remanejados de acordo com o gosto da época, no balé neoclássico, e a contestação daquelas antigas propostas pela dança moderna e contemporânea.

Podemos contemplar as diversas mudanças ocorridas com o nosso estilo de vida, ou seja, passamos por muitas transformações sociais e isto faz com que projetássemos sentidos e significados diferentes às coisas ao nosso redor. Com a dança também conseguimos observar essas transformações, atualmente existem muitos estilos, representações, modos de se dançar.

Foram surgindo, então, novas formas de dançar, se antigamente somente as danças clássicas possuíam visibilidade, com essa nova época sobreveio à dança moderna e posteriormente a dança contemporânea. Para Gusso (1997, p. 32): “O tempo passa e novas formas de pensar surgem, novas ações. São as adaptações que ocorrem a partir dos novos valores culturais que cada povo concretiza. Foram as reformulações que aperfeiçoaram a dança do homem deste século XX”. Juntamente, foram mostrando-se novos bailarinos, coreógrafos, pessoas que dançam e vivem da dança dos pés à cabeça, sendo estes contribuintes de grande renome atualmente, valendo citar Rudolf Laban, Martha Graham, Alwin Nikolais, Mary Wigman, o casal Ruth Saint Denis e Ted Shawn e muitos outros. Influentes que deixaram muitas contribuições para o mundo da dança, alavancando sua trajetória.

É incrível a capacidade que nós, seres humanos, temos de nos adaptar e transformar a realidade à nossa volta. Podemos construir e desconstruir o que quisermos, os relatos históricos

nos evidenciam isto, e é impressionante que apesar de tanto tempo, anos, décadas, séculos, a dança continua viva em nós, é uma construção magnífica que nos aprisiona aos movimentos do corpo, nos libertando aos movimentos da alma. Isto é a dança.

1.2 A dança enquanto arte e cultura

A dança possui a capacidade de se fragmentar em diferentes formas, por ser um objeto de conhecimento com vastas direções que podem ser percorridas. A dança enquanto arte e cultura constitui uma dessas direções, e que concomitantemente contempla alguns outros aspectos, quer dizer, a dança como arte radica à educação, à profissão, à experiência estética, etc., e a dança como cultura abrange às crenças, à representatividade de determinado povo, à valores, etc.

A dança enquanto arte pode ser compreendida através das construções que esse objeto consolidou ao longo dos tempos, segundo Claus (2005, p.01): “A Dança pode ser considerada como uma arte das mais complexas [...]”. Muitas vezes essa arte se reduziu apenas às técnicas, o que é muito criticado na literatura, pois muitos autores defendem veementemente a dança neste lugar.

Os estudos de Saraiva (2005, p.220) introduzindo a teoria do Simbolismo de Langer (1992), abordam que:

Langer (1992) faz a diferenciação entre símbolos discursivos e apresentativos, importante para o entendimento da arte e, assim, da dança, como símbolo apresentativo, cuja significação para o ser humano não pode ser expressa em palavras [...].

Através dessa autora se pode começar a introduzir os pensamentos da dança na arte, pode-se entender que como um “símbolo apresentativo”, a dança ocupa o lugar de algo que não se expressa em palavras.

É sabido que pela dança se podem expressar os sentimentos, a criatividade, os desejos, etc., ou seja, se consegue com o corpo que dança vislumbrar uma série de sensações, sem dizer uma só frase o indivíduo pode demonstrar raiva, amor, tristeza, fraqueza, alegria, tudo isto com seus gestos, movimentando seu corpo. Fiamoncini (2002-2003, p.63) referenciando também Langer (1980) chama essas sensações de “símbolos”, ela define arte e traz que:

Por símbolo, entende-se todo artifício através do qual podemos fazer uma abstração, sendo que o símbolo refere-se ao sentimento e às formas, não se limitando apenas à esfera lógica e linguística. Arte implica modificar (criativamente) o existente para que ele chegue a ser outra coisa. Assim, entendemos arte como um canal aberto à

crítica, à espontaneidade e ao momento próprio de criação, o que resulta na obra que expressa nossos sentimentos, vivências e sonhos.

Conciliando, Saraiva (2005, ps. 220-221):

É nesse tipo de simbolismo que se inscreve a capacidade humana para a formação de símbolos representativos, o que quer dizer, a capacidade de se fazer presente em imagens, sons, movimentos, ritmos, figuras; a capacidade de expressar algo que não seja abarcado por uma conceituação, e que a nossa linguagem não seja capaz de formular. Por exemplo, se enunciamos verbalmente determinados estados de espíritos ou determinadas sensações, estamos a dizer que os entendemos, ou que sabemos porque se está triste ou feliz, mas isso não é o mesmo que tê-los em percepção e sobretudo, expressá-los.

Uma obra de arte é arquitetada, na dança, através da expressividade que o artista coloca em seus movimentos, à medida que estes vão sendo combinados utilizando-se das expressões e da criatividade, o produto final chama-se de espetáculo. Interessante destacar que o indivíduo que não apenas dança, mas também dá significado aos seus gestos expressivos, possui a capacidade de ser crítico, autêntico e formulador de ideias, sendo chamado de “artista”, ocupando o lugar de quem produz arte. O dançarino que conjuntamente é chamado de artista, sempre apresenta esses aspectos. Fiamoncini (2002-2003, p.63) afirma que:

A criação se dá através de inimagináveis e incontáveis possibilidades de resoluções/combinções com diferentes materiais que resultarão na obra de arte como tal, e essas combinações dependem do envolvimento, da sensibilidade de cada artista.

É importante destacar que, apesar do dançarino expressar seus sentimentos em sua dança, não significa que ele está neste ou naquele “estado de espírito”, essa expressividade é somente a capacidade que o artista possui de dar sentido e significado às suas criações. Inclusive, é este aspecto que faz da dança uma arte, já que se pode considerar que o artista cria algo, ou seja, tudo que é criado não necessariamente é sentido na realidade, mas sim concebido, imaginado (Saraiva, 2005).

Vale ressaltar que os movimentos na dança enquanto uma arte, em preponderância foge dos simples movimentos técnicos, não que a literatura nega o ensino e a importância da técnica, mas para muitos autores é consenso que, concentrar o olhar somente neste aspecto, limita a criatividade, a expressividade, a magnitude de vivenciar a dança como um criador,

como um verdadeiro ser artístico. Fiamoncini (2002-2003, p.61) retrata essa realidade quando evidencia:

[...] A criatividade e a expressividade tendem a se perder diante do excesso de técnicas provocado pela busca do desempenho físico e do virtuosismo na dança. Assim, ficam à margem os pensamentos, as necessidades e os sentimentos das pessoas, o que pode ocasionar-lhes uma falta de sentido para continuar dançando [...].

Para cada artista, a dança é concebida de maneira diferente. Da mesma forma como uma determinada experiência, vivida por um grupo de indivíduos, pode ser anunciada em distintas versões por cada um destes, ao dançar, cada sujeito cria e se expressa, torna-se capaz de criticar e formular ideias, cada um ao seu modo, sendo isto um estimulante para o artista. Acredita-se que para isso, é necessário um ambiente onde os pensamentos divergentes são aceitos e que a liberdade seja disposta como regra principal, para assim formar um artista completo, capaz de percorrer por um caminho desconhecido, ou seja, confiar em si percebendo novas possibilidades (Fiamoncini, 2002-2003).

Essas pesquisas em arte relacionadas à dança nos permite compreender a impossibilidade de desvencilhar uma da outra, segundo a Academia Brasileira de Arte (ABRA) a dança se configura como a sexta arte existente, para essa classificação foi utilizado um documento denominado “Manifesto das Sete Artes”, de Ricciotto Canudo, um intelectual italiano, que em 1923, escreveu esse registro estabelecendo as sete artes clássicas.

Assim sendo, a dança profissional, que podemos contemplar em academias e escolas especializadas, a dança educacional, vista no âmbito escolar e a dança como uma experiência estética podem ser caracterizadas como a “arte de expressão em movimento”, fornecendo aos dançantes e aos apreciadores da dança, a capacidade para se fazer presente no mundo racionalmente e potencializar os ideais da sensibilidade, criatividade e expressividade nesses seres (Fiamoncini, 2002-2003).

Através da leitura podemos compreender também a dança enquanto cultura, ou seja, uma manifestação cultural irradiada no e pelo corpo dançante. Entende-se que a palavra cultura não possui um significado único e específico, ao longo dos anos obteve-se diferentes acepções acerca desta, sendo atualmente concebida como a bagagem histórica de homens e mulheres que vivem em determinada sociedade, quer dizer, seus conhecimentos, crenças, costumes, vestimentas, culinária, arte, religião, etc.

A dança sempre teve uma forte relação com a religião, contemplamos isso o tempo todo em seu desenrolar ao passar dos tempos, sendo, portanto, uma forma cultural. Expressar determinada crença, utilizando a dança como objeto, era e é até hoje, uma das formas culturais representadas através da dança. Muitas sociedades, em diferentes partes do mundo, simbolizam suas religiões pelos seus grandes festivais de dança, o Brasil é um exemplo sólido destas simbolizações culturais religiosas. De acordo com Alves (2013, p.03):

A dança é uma manifestação milenar, sendo sagrada ou profana é a forma mais antiga de expressar esperança, agradecimento, força, vitalidade, sensualidade, leveza e espiritualidade. No Brasil, a dança, principalmente a folclórica, aparece ligada a várias manifestações de cunho religioso, seja do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Cruz, São Gonçalo dentre outras. Nestas comemorações, dançam-se Congadas, Moçambiques, Cururus, Cirandas, Reisados, Jongos, entre outras.

As danças religiosas presentes no Brasil possui forte influência africana, isso acontece com certeza pela formação cultural do nosso país que se consolidou através das contribuições das raças indígenas, africanas e portuguesas. As bagagens trazidas por cada um desses povos foram incorporadas em nossa cultura, possuindo hoje forte influência em nossa sociedade (Alves, 2013).

Transmitir uma crença por intermédio da dança, no passado e no presente, é uma forma de não deixar cair no esquecimento as convicções de um povo, é poder passar de geração em geração suas celebrações religiosas para que assim estas sejam memorizadas e incorporadas. Ainda segundo Alves (2013, p.01):

No Brasil, as danças, principalmente as folclóricas, além do caráter religioso, expressam também em seus movimentos, elementos simbólicos das memórias étnicas e culturais de suas raízes históricas, que se transformaram, adequando-se ao momento vivido no tempo e no espaço. Este repertório popular que é transmitido através da oralidade por gerações, traz nos gestos expressados por seus corpos, movimentos e valores acumulados pela sabedoria popular tradicional, que mantém viva esta memória cultural repleta de conhecimentos que revelam a identidade brasileira e o seu universo simbólico.

Não somente pelo ato religioso, a dança também é capaz de evidenciar as representações culturais dos povos, quer dizer, muitas danças são características de determinada região. Existem, inclusive, muitos festivais onde essas danças tornam-se a atração principal e são nessas ocasiões que conseguimos evidenciar as particularidades de cada localidade. Podemos vislumbrar os costumes, os valores, os atributos em geral dessas

peças que desfrutam do dançar para evidenciarem seus aspectos culturais, o que faz de cada povo único e diferente uns dos outros, num país tão cheio de diversidade como o nosso.

Em um trabalho realizado por um professor de Educação Física, da cidade de Santos – São Paulo, no ano de 2020, o mesmo trouxe as distintas variações de cada dança, abordando por regiões, podendo se atentar para a dimensão cultural existente nas danças brasileiras. Primeiramente em relação às danças da região Sudeste do Brasil, o professor Fred (2020, p.02) traz:

A região Sudeste é uma região que conta com uma pluralidade de estilos musicais bem características do Brasil, como por exemplo, samba, batuque, pagode, ciranda, cana-verde, fandango e a famosa quadrilha conhecida pela região do sudeste todo, e outras folias regionais mais modernas conhecidas pelos jovens como o funk, o hip-hop, estilos de danças regionais que não são brasileiras, mas são bem conhecidos.

Sobre as danças da região Norte do Brasil, Fred (2020, p.02):

Na região Norte, por exemplo, encontramos danças regionais como o Boi-Bumbá, cameleão, ciranda, gambá, serafina, carimbó, sol, desfeiteira e outras tantas folias populares dessa região rica que apresenta uma cultura diversa e encantadora em relação a tantas outras presentes no Brasil. Há três festivais a de Parintins, Círio de Nazaré e o Çairé que encontramos todas essas folias regionais brasileiras da região Norte.

Acerca das danças da região Nordeste do Brasil, Fred (2020, p. 04):

A região Nordeste recebe uma grande carga de cultura africana, as danças regionais mais conhecidas e comuns desta região são: o Axé, a dança de terreiro, candomblé, xaxado, ciranda, maracatu, dança de São Gonçalo, samba de roda, bailão, pagode de Amarantes, cavalo piancó, maculelê e o famoso frevo que possui características bem marcadas dessa região nordeste. Essas são algumas de tantas outras danças regionais brasileiras típicas nordestinas conhecidas.

E por fim, referente às danças das regiões Sul e Centro-oeste do Brasil, Fred (2020, p. 05):

Na região Sul onde as danças regionais como a Congada, dança de espadas, dança circular, Abi de afaria, balainha, fandango, pau-de-fita, dança vilão e entre tantas outras recebem diretamente uma influência mais europeia, este é um estilo de dança bem curioso e interessante que chama a atenção de muitas pessoas. Também é interessante lembrar que com essas danças populares da região sul, vem as vestimentas, comidas e comemorações típicas dessa região.

Na região Centro-oeste pode se encontrar várias danças regionais com influências indígenas interiormente, como caninha-verde, catira, siriri, tambor, vilão e entre tantas outras folias regionais brasileiras dessa região do centro-oeste.

Relevante abordar que a dança em seus aspectos culturais possui considerável prestígio não somente aqui em nosso país, mas em todo o mundo, já que essas danças se tornaram uma mistura de culturas também advindas de outros lugares e que atualmente são popularmente conhecidas por todos.

A dança é um fenômeno que conseguiu se inserir em nosso cotidiano como arte e cultura, para alguns como profissão, objeto de intervenção pedagógica, experiência estética, utilizada para representar as culturas existentes à nossa volta, em rituais religiosos, valorização de costumes e símbolos, enfim, a dança nos liberta na medida em que nos envolvemos com esse objeto em sua magnitude de possibilidades e significados.

CAPÍTULO II

O DIÁLOGO DANÇA E EDUCAÇÃO

A dança é um objeto de estudo que possui diversos conhecimentos a serem transmitidos, atualmente, com todas as transformações que nossa sociedade passou e tem passado, vislumbramos o alicerce dos saberes em dança serem firmados em um conjunto de pesquisas, estudos, influenciadores, coreógrafos, bailarinos, ou seja, a dança passou do patamar de senso comum para uma ciência que transpassou gerações.

Compreende-se que o corpo é a propriedade mais importante de cada indivíduo, através dele podemos absorver ou dispensar tudo o que nos é transmitido, e a dança serve-se deste corpo para fundamentar seus estudos. Ou seja, poderia ser uma missão impossível retirar o movimentar, o dançar, o se expressar dos corpos dos seres vivos. De acordo com Strazzacappa (2001, p.69): “O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos”.

Durante um tempo bastante longo, a dança não passava de uma experiência sensível e emocional, este conhecimento era negado e negligenciado, não obtinha valor por se acreditar que o verdadeiro conhecimento advinha da racionalidade e não da sensibilidade (PORPINO, 2018). Devido isto, a dança não era tida como elemento educacional, não possuía relação com a educação.

Além dessa premissa que somente a razão é detentora do conhecimento, a história da educação brasileira sofreu forte influência da Igreja, ou seja, a religião baniou a dança da vida do homem por acreditar que o corpo era a fonte de todo pecado, sendo este preconceito convertido pouco a pouco na atualidade. Marques (1990, p.11) afirma tal realidade quando escreve:

Primeiramente, a entrada definitiva da dança na escola esbarra em um fator histórico anteriormente mencionado: a dança foi profanizada e menosprezada desde a Idade Média e condenada pela Igreja uma vez que o corpo é objeto de dança. Ora, sabe-se que o sistema educacional brasileiro teve suas raízes com os jesuítas e que no decorrer de sua história, sempre esteve intimamente ligada aos preceitos, aos valores e aos ensinamentos da igreja. A inserção da dança na escola, então, é dificultada por este preconceito histórico que somente nos dias atuais de hoje começa a ser desmistificado.

Ao longo da história da dança, percebem-se os percalços enfrentados por esta ciência, altos e baixos marcaram a sua trajetória, porém muitos estudiosos da área não permitiram que os princípios da mesma fossem desvalorizados, pois sempre acreditaram que a dança faz parte da vida humana, é um objeto cultural que se consolidou numa imensidão de conhecimentos. De acordo com Marques (1990, p. 08): “No que diz respeito a especialistas que lidam com a dança, a mesma foi definida primeiramente como vida, ar, respiração e alimento presentes no cotidiano de todos e em qualquer tipo de manifestação humana”. Sendo assim, a dança se constituiu como algo indissolúvel do corpo do homem, pois este sempre dançou.

A dança passou a caminhar junto à educação, se consolidando como instrumento pedagógico que pode contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos. Marques (1990, ps. 07 e 08) traz que:

[...] a literatura especializada aponta pontos de vista de educadores: Regina Katz, pedagoga, entende a dança como meio de comunicação e de expressão que integra o conhecimento intelectual por meio de uma vivência corporal. Além disso, a dança favorece íntima relação entre o sujeito e o pensamento, enriquecendo o processo de aprendizagem, o desenvolvimento e o aprofundamento da percepção sensório motora, da motricidade, da imaginação, da criatividade e da comunicação. A mesma autora ainda salienta que a dança é o encontro do indivíduo com seu corpo, um conhecimento de si e a maneira de lograr uma boa imagem corporal.

Para compreender essa justaposição, partimos das contribuições dos estudiosos que acreditam numa educação que transcende o simples ato de adquirir conhecimentos predeterminados, ao simples fato de decorar ou memorizar pensamentos prontos. Logo, estes pesquisadores reconhecem a educação como formadora de um ser pensante, criativo, capaz de formular ideias e produzir conhecimento, participante crítico de uma sociedade que se apresenta em constante transformação. Dialogando com essa realidade, Porpino (2018, p.18) diz que:

É pela educação que o homem descobre a sua condição de sujeito da cultura, por meio da apropriação do sentido da existência. Assim, não compreenderemos a educação restrita ao ensino formal, visto que a ação cultural e a educação como aprendizagem extrapolam o âmbito do ensino sistematizado.

Vale ressaltar que em momento nenhum é negado ou desaprovado a importância que o ensino formal possui, pois é consenso na literatura que a escola tornou-se um ambiente necessário a todos os indivíduos, após muitos enfrentamentos a educação se transformou em algo essencial para a composição de ideias, críticas, posicionamentos, liberdade de expressão, criatividade, interesse pela cultura, etc. Mas é válido relatar que não é atribuída somente ao

ensino formal a incumbência de transmitir conhecimentos e aprendizados, ou seja, acredita-se que em casa, no trabalho, nas relações sociais e interpessoais estamos o todo tempo todo aprendendo e ensinando.

A dança também possui em sua essência a capacidade de transmitir conhecimento e este se consolidou em nossas vidas ao passar dos tempos, revelando-se transformador.

Os elos que justapõem a dança e a educação foram sendo revigorados, pessoas bastante influentes no mundo da dança incorporaram esses estudos desde sempre em suas carreiras, tanto coreógrafos, bailarinos, professores, etc., podendo citar Isadora Duncan, Rudolf Laban, Roger Garaudy, Jean Le Boulch, entre muitos outros. Segundo Marques (1990, p.12), abordando um pouco sobre o teórico:

Rudolf Laban em sua teoria do movimento humano, também salienta a importância da dança enquanto fator educativo “... é manifestação (o movimento) das mais importantes e talvez mesmo a própria fonte de educação (...) o que é da mais capital importância não somente para o ator bailarino, como também para o desenvolvimento pessoal de todo indivíduo”.

Marques (1990, p.12) também aponta o teórico Jean Le Boulch:

Jean Le Boulch aproxima a dança da educação a partir do momento em que considera o movimento como aspecto central de educação. Para o autor: “a ciência do movimento humano deve forjar para si um passo próprio em função de seu objetivo particular”. Sendo assim, a dança deveria ocupar na educação um espaço próprio.

Estes e muitos outros estudiosos do universo da dança estabeleceram uma conexão entre a dança e a educação, nos mostrando a relevância que esse conhecimento possui em nossa formação educacional.

Conforme as discussões sobre educação foram avançando, se mostrando de suma importância na vida das pessoas, constituída como direito de todos, a dança foi sendo incorporada nesse meio, ela passou a ser reconhecida como objeto de estudo por ser capaz de gerar conhecimento, estimular o pensamento crítico e a liberdade de expressão, envolvendo o indivíduo de forma integral. De acordo com Tomazzoni, Wosniak e Marinho (2010, p.28):

[...] a dança enquanto linguagem artística tem o potencial de fornecer lentes diferentes e diferenciadas para conhecermos, desconstruirmos, refletirmos e agirmos sobre os cotidianos multifacetados do mundo em que vivemos. A dança enquanto

arte do/com/pelo corpo, quer seja em situação educacional, educativa ou pedagógica carrega em si mesma o potencial de transformação dos cenários cotidianos sociais.

Alguns termos passaram a ser utilizados se referindo a esta justaposição de universos, não perdendo o objetivo central de compreender esses dois campos em movimento dialógico. Tais termos aparecem constantemente nas perquirições que discutem a dança e a educação, possuindo relevância em citá-los, pois conectam essas áreas e implicitamente revelam a vasta composição de materiais que discorrem sobre, já que são vistos em distintos estudos, sendo estes: dança-educação, dança/educação, dança ou educação, dançaeducação, dança e educação, etc. (Tomazzoni, Wosniak e Marinho, 2010).

A dança é uma construção riquíssima que abrange vários aspectos do nosso corpo, de acordo com Marques (1990, p.12): “Os especialistas na área de dança também relacionam dança e educação a partir da sua capacidade de auxílio na aprendizagem e no desenvolvimento integral do homem (intelectual, psicológico e afetivo)”.

Não se pode desvencilhar o corpo do movimento, o corpo da educação, o corpo do trabalho, etc., pois é através do nosso corpo que estamos inseridos no mundo, ele fala mesmo quando estamos em silêncio, o corpo é nosso modo de ser e estar no mundo. Segundo Strazzacappa (2001, p.79):

Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando.

Para Tomazzoni, Wosniak e Marinho (2010, ps. 30 e 31), os pensamentos de Paulo Freire que diferencia “contatos” e “relações”, envolvem muito bem o ensino e aprendizagem, pois estes acreditam que para ensinar e aprender dança, devemos ir um pouco mais longe e tentar estabelecer o que verdadeiramente nos proporcionará entender e conhecer a mesma:

[...] Os contatos são individuais, pontuais, auto-centrados – passivos e reprodutores. Os contatos, dificilmente transformam. Ao contrário do estabelecimento de contatos, afirma Paulo Freire, a busca de estabelecimento de relações são eminentemente dialógicas, plurais – participantes e criativas. As relações proporcionam aprofundamento, ampliação, crítica e transformação do conhecimento. As relações dificilmente não transformam.

Todas estas contribuições puderam transmitir a relevância de se ensinar dança, podemos pensar que aprender não acontece somente no ambiente escolar e ensinar não é somente papel do professor, ou seja, em qualquer lugar podemos aprender e as pessoas em constante relação umas com as outras podem ensinar algo. O ensino da dança é transformador e não é necessariamente importante ser um especialista ou bailarino nato, basta compreender e se interessar em apreender o que essa ciência propõe, para assim ensinar e transmitir o que foi absorvido.

2.1 Dança e Educação Física

Dizendo em aspectos contemporâneos, podemos contemplar as diversas mudanças ocorridas com o nosso estilo de vida, ou seja, passamos por muitas transformações sociais e isto faz com que projetássemos sentidos e significados diferentes às coisas ao nosso redor. Com a Dança também conseguimos observar essas transformações, atualmente existem muitos estilos, representações, modos de se dançar. Contemplamos hoje um curso superior específico em Dança, e também outros cursos que possuem a Dança como disciplina curricular, e para Saraiva (2005, p.222): “A atribuição de significado na vivência simbólica e existencial em que se configura a dança deve ser especulada, então, com vistas a distinguir-se a importância disso no processo formativo e educativo da dança”.

A Dança retratada como um curso específico do Ensino Superior é compreendida como algo além do simples gesto, é concebida, portanto, como arte, sendo cheia de sentidos e significados para quem está inserido de corpo inteiro. Ainda segundo Saraiva (2005, p.226):

Na dança, os gestos existem de forma controlada, ritmada, são concebidos formalmente; quanto à vivência real, o que acontece por trás do gesto (símbolo), é algo pessoal, só pertence ao artista. À obra pertence o que aparece na ilusão artística. A dança emerge de “tensões espaciais” e de “tensões corpóreas” e mesmo de “tensões de dança”, aquelas menos específicas criadas pela música, luzes, cenário e tudo mais que compõem a apresentação dela.

Ou seja, nesta realidade a Dança pode ser concebida como algo mais extraordinário, se forma o bailarino e/ou àquele que irá ensinar para outras pessoas essa representação artística, concebida como arte, ela se torna mais intensa.

Incorporar a Dança como disciplina do curso de Educação Física, seria então mais “informal”, não se pensando a Dança somente como arte, na perspectiva de criar

artisticamente espetáculos e bailarinos, mas como parte integrante da cultura corporal. Segundo Nascimento e OehlsclargerKlee (2012, p.40):

[...] a relação entre a Dança e a expressão do homem está diretamente ligada a Educação Física (EF), uma vez que se reconheça, de acordo com Coletivo de Autores (1991), que esta é uma área do conhecimento que trata da cultura corporal, ou seja, com o movimento humano consciente e sua capacidade de movimentação. Acreditamos que foi através da EF, que durante décadas, a Dança conseguiu permanecer na escola.

Não se é negado a Dança enquanto arte, mas como conteúdo de outros cursos, e especificamente nos cursos de licenciatura em Educação Física, a dança é um conteúdo que deve ser trabalhado como uma manifestação cultural, possibilitando a inserção efetiva da mesma nos diversos ambientes que a profissão pode ser atuada.

Para entender melhor as concepções que os discentes possuem sobre a disciplina de Dança no seu processo de formação, se deve entender o porquê deste conteúdo estar presente nas grades curriculares dos cursos de Educação Física. Primeiramente, portanto, deve-se destacar que a Dança é conteúdo obrigatório nas aulas de Educação Física se tratando do ambiente escolar, sendo componente assegurado pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), descritos nas diretrizes elaboradas pelo Governo Federal e está claro em Pereira e Hunger (2009, p.769):

[...] a dança enquanto conteúdo escolar está presente na legislação brasileira, como por exemplo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), inserida na área tanto de Educação Física quanto de Artes, mas não como uma disciplina à parte, ou seja, no caso de aulas apenas de dança, ministrada por um profissional, cuja formação se dê na Licenciatura de Dança.

Essa realidade deve estar bem elucidada nas mentes daqueles que tem como propósito exercerem a profissão de professores no ambiente escolar, entender que todos os conteúdos devem ser trabalhados de forma ampla e sem restrições. Vale apenas ressaltar que a Dança não está presente somente nas escolas, se apresentando em outros ambientes também, como academias, clubes, etc., porém alguns espaços abrangem profissionais de outras áreas, e o foco deste estudo se dá no curso de licenciatura em Educação Física.

Além da obrigatoriedade de se abordar o conteúdo nas aulas, é válido dizer da importância que a Dança possui no desenvolvimento dos indivíduos, lembrando que a Educação Física deve contemplar aspectos sociais, motores, cognitivos e afetivos. Para elucidar este argumento, é interessante relatar uma pesquisa realizada pelas autoras

Nascimento e OehlsclargerKlee (2012) onde elas fizeram um estudo para compreender quais os sentidos que os acadêmicos de Educação Física, do Curso de Especialização em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, tinham a respeito da disciplina Dança no seu processo de formação e os resultados obtidos foram:

Quando questionados sobre a importância das disciplinas relacionadas à Dança e Atividades Rítmicas inseridas no currículo da EF, 92,3% dos acadêmicos responderam que a Dança é importante para o currículo do curso e apenas 7,7% responderam que não. Os acadêmicos consideram que a Dança é importante para o currículo, pois esta desenvolve, entre outros aspectos, o ritmo, a expressão corporal, o acervo motor e cognitivo dos alunos [...] (2012, p.45).

É interessante perceber a importância que é atribuída à disciplina durante a formação, não apenas neste estudo apontado, mas em outros que dialogam com este, onde os discentes manifestam de forma positiva para a aprendizagem e posteriormente ensino da Dança.

Apesar disto, se observa nos estudos publicados por ROCHA (2016), GOMES (2007), NASCIMENTO e OEHLSLARGERKLEE (2012) que antes de ingressarem no curso superior, os acadêmicos não possuíam um vínculo forte com a Dança, nem por gosto pessoal e nem na formação durante o Ensino Fundamental e Médio, fazendo-se entender que os professores de Educação Física não vem abordando o conteúdo nas aulas, muitos dos acadêmicos ingressam no curso por terem vínculo com os esportes, ou seja, ainda que se atribua uma importância à disciplina de Dança, os acadêmicos não sabem ao certo o que vão encarar com o conteúdo e como vão ministrar aulas posteriormente utilizando-a como objeto de estudo.

O sucesso com a docência é conquistado com a busca de conhecimento, é bem sabido que para conseguirmos atingir metas com determinado conteúdo se necessita de aprofundamento e interesse, sendo assim, obviamente, com a Dança. Rocha (2016, p.13) explica muito bem quando diz:

[...] Quando bem utilizada colabora para o bom desempenho didático-pedagógico do professor. Entretanto, quando for do desejo do professor de educação física adentrar este conteúdo, o profissional deve procurar sempre se atualizar e buscar subsídios para uma atuação positiva e efetiva nesse campo de conhecimento.

É válido relatar também que com esse processo de percepção da Dança enquanto disciplina na formação, a importância e os sentidos que são atribuídos à ela, juntamente vem a

sensação de insuficiência. Todos os estudos apontam que os discentes alegam ser pouco o tempo de ministração do conteúdo, já que o mesmo é extenso e abrange culturas, músicas, geram discussões acerca de gênero, raças, etc. Se pode observar tal afirmação com as citações trazidas por Pereira e Hunger (2009, p.769):

PACHECO (1999) nos diz que na prática cotidiana o professor de educação física encontra problemas para trabalhar com o conteúdo de dança na escola porque não recebeu formação adequada e necessária para tal em sua graduação; porque se encontra muitas vezes com quase nenhum preparo ou com poucos subsídios para trabalhar com a dança (BARRETO, 2004); ou a justificativa para tal ausência se deve ao fato de não possuir “qualificação necessária para trabalhar a dança nas aulas” (SOARES, 1999, p. 124).

Essa realidade pode ser evidente, porém, com qualquer outro conteúdo, uma vez que apenas um semestre não nos capacita em nenhuma disciplina, pois as discussões relacionadas, por exemplo, ao Basquetebol, Futebol, Voleibol, etc., são mais profundas, e podem sim muitas vezes ser superficiais durante a formação. Alguns estudos apontam, por exemplo, que os docentes durante a graduação, ao ministrarem as aulas do conteúdo não deixam claro o que se pretende discutir e ensinar sobre a Dança, prejudicando no entendimento posterior sobre o que ela é, como deve ser ensinada, seus sentidos e significados, etc.

O acadêmico ao ingressar na graduação em licenciatura deve compreender a importância do seu papel enquanto professor de Educação Física, se o indivíduo pretende em sua vida profissional caminhar com a docência, necessita estar disposto a conhecer melhor um pouco de cada coisa para obter êxito, nunca se saberá de tudo ou poderá ser perfeito em todas as atuações, mas a vontade de aprender e ensinar precisa ser incorporada. Antes e depois de se ter contato com determinado conteúdo, exercer sua práxis da melhor forma possível. Nascimento e OehlsclargerKlee (2012, p.47) diz que:

O que esperamos é que cada graduando, ao vivenciar/experimentar, durante a sua formação, práticas corporais diversificadas, consiga compreender que as aulas que envolvam conteúdos e práticas com lutas, jogos e Dança, devem ser utilizadas, assim como o esporte, no momento de atuação na escola.

É de suma importância, portanto, o acadêmico compreender seus objetivos, incorporar os conhecimentos nas mais variadas formas e saber conduzir a materialização de sua prática docente.

CAPÍTULO III

ESEFFEGO E EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE HISTÓRICO

O percurso histórico da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFFEGO) é um importante relato para compreensão do lugar onde se realiza esta pesquisa, buscar conhecer melhor a trajetória dessa Instituição de Ensino Superior (IES) para apresentar a sua magnitude e relevância em torno do trabalho que desenvolve no Estado. Segundo Bernardes (2013, p.33):

Por Lei, em 1962 nasceu no Estado de Goiás a EEFEFO – Escola de Educação Física do Estado de Goiás – em 1963 a EEFEFO muda de nome para ESEFEFO – Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás – por ter se tornado uma escola de ensino superior. Em 1994 o curso de fisioterapia foi criado e inserido na instituição e a escola passa a ser chamada de ESEFFEGO – Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás – curso este que só ganha reconhecimento pelo Conselho do Estadual de Educação em 2000.

Toda mudança que ocorre em nosso cotidiano se dá através de algum marco histórico, não sendo diferente com a ESEFFEGO. Na época em que foi criada, o Estado de Goiás estava em constante transformação política e econômica, a industrialização estava a todo vapor em nosso País e o nosso Estado também se apresentava engajado a fim de acompanhar essa modernização.

No início havia um empenho grandioso no desenvolvimento econômico do Estado, focando somente nesse aspecto, houve um crescimento considerável nos investimentos agrários da época, porém essa realidade fixava-se somente na acumulação de poder e disputas por terras. Com o tempo, e através do governo de Mauro Borges, se passou a investir em outras áreas, pois para ele isso era fundamental para o desenvolvimento efetivo do Estado, uma vez que comparado aos outros Estados do País, Goiás e mais especificamente Goiânia, encontrava-se atrasada. Com isso, os investimentos na Educação foram substanciais para a criação da ESEFFEGO e, claro, desenvolvimento de outras áreas do Estado. Concernindo com Silva (2013, p.15):

Este planejamento ficou conhecido como Plano Mauro Borges (Plano MB), que visou o desenvolvimento da região tanto no plano econômico quanto no social para

que houvesse uma ruptura do estado agrário - as relações sociais de Goiás eram espelhadas neste tipo de sistema que não visava o desenvolvimento e nem a tecnologia, apenas disputas de terras entre famílias e a concentração de poder - para um sistema mais moderno e urbanizado que pudesse modificar as relações do Estado de Goiás tanto internas quanto externas.

A Educação Física, portanto, possui um papel de destaque nesse momento, pois através da educação do corpo, da utilização dos esportes como meio de “disciplinar” os trabalhadores, proporcionando conhecimento para profissionais se engajarem na área e orientar os cidadãos nesse sentido, se tornando uma importante ferramenta de dominação. Segundo Silva (2013, p.09):

Desse modo a Educação Física buscava benefícios para as pessoas se inserirem no campo de trabalho e na sociedade visando uma melhoria na qualidade de vida, na moral e na cidadania. A criação da primeira Instituição de Ensino Superior em Educação Física, a Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFFEGO), se alicerçou na falta de professores desta área do conhecimento em Goiânia e no restante do Estado para atender aos objetivos do governo.

É importante ressaltar que a ESEFFEGO foi a pioneira na formação de profissionais da área da Educação Física, proporcionando conhecimentos capazes de transformar a realidade dos atuantes da área, uma vez que o interesse pelo aprimoramento educacional e a formação de pessoas capacitadas era palco da transformação do Estado de Goiás na época.

Todas essas mudanças não aconteceram por acaso ou repentinamente, como todo processo de transformação necessitamos de tempo, isso aconteceu também com a Educação Física no Brasil e mais especificamente no Estado de Goiás. Um trabalho publicado no ano de 2013, pelo autor Danilo Ribeiro Bernardes, o mesmo analisou o Projeto Político Pedagógico da ESEFFEGO no ano de 2009 e constatou que a Educação Física passou por quatro importantes etapas desde a sua origem até os dias atuais, algo que nos remete as mudanças que a área sofreu para chegar onde estamos.

Na primeira etapa, ele traz que a formação de técnicos esportivos e licenciados era o principal propósito da área, segundo Bernardes (2013, p.12):

A primeira etapa é datada na metade do século XX com objetivo de formar licenciados e técnicos esportivos, o caráter gímnico era a marca deste período. Para se habilitar como técnico a formação deveria conter no mínimo duas disciplinas

esportivas para concretizar a habilitação técnica, embora os licenciados tivessem mais disciplinas esportivas, pois dominar a técnica era pré-requisito para se formar (PPC/ESEFEEGO, 2009).

Seguindo para a segunda etapa desse trajeto, agora não se forma técnicos esportivos e sim, somente licenciados, a duração do curso também se modifica. De acordo com Bernardes (2013, p.12):

A segunda etapa se inicia na década de 1960 e vai até 1980, a graduação era somente obtida pela licenciatura, que era plena com duração de três anos ou curta com duração de um ano (PPC/ESEFEEGO, 2009).

Na terceira e na quarta etapas, as transformações sofridas pelo curso são significativas, passa a ser exigida na terceira etapa uma formação com duração de quatro anos e um enfrentamento que perdurou até uns tempos atrás, que foi a divisão do curso em Bacharel e Licenciatura, algo que limitou bastante nossa formação na área, uma vez que tal acontecimento debilitou a atuação dos profissionais da área nos diferentes espaços que a Educação Física atribui conhecimento. Ainda em conformidade com Bernardes (2013, p.12):

Na década de 1980, com o Parecer CFE 215/1987 e a Resolução CFE 03/1987, originou-se a terceira etapa. Mudanças significativas na formação da área surgem, a licenciatura curta é extinta, sendo determinada uma formação de quatro anos com duração de no mínimo 2.880 horas, porém surge a dicotomização do curso, pois se dividiu a área de atuação para licenciados e bacharelados, ocasionando um enfraquecimento na área de atuação.

Todas essas modificações que a Educação Física enfrentou se configurou no que Bernardes chama de quarta e atual etapa, algo que podemos identificar veementemente nos discursos de todos os profissionais da área, principalmente por docentes que atuam no ensino superior. Para Bernardes (2013, p.12):

No quarto e atual período a Educação Física é vista a partir do Parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE 09/01 e da Resolução CNE 01/02 e 02/02 que trabalha a formação docente de forma geral e o Parecer CNE 058/04 e Resolução CNE 07/04, os quais tratam das diretrizes para a formação específica em Educação Física. Este período é cheio de dúvidas, incertezas, conflitos e debates, pois desde a década 1980 surgiu uma crise nas referências do curso a respeito dos conceitos epistemológicos, conteúdos, metodologia e objetivos gerando uma reflexão crítica no âmbito acadêmico. Esta atual fase também traz um aumento do conhecimento empírico.

Esse breve relato sobre a fundação da ESEFFEGO e a sua trajetória com a Educação Física, foi uma forma de aproximar ainda mais a pesquisa com o seu cenário, compreender um pouco da sua história enquanto uma IES que necessitou e necessita até hoje se reinventar para continuar proporcionando conhecimento à comunidade. A ESEFFEGO transpassou vários enfrentamentos, principalmente políticos e econômicos. Atualmente se encontra inclusive sem espaço efetivo para chamar de seu, e apesar dos pesares nunca deixou de atuar como um espaço comprometido com a formação de indivíduos pensantes e atuantes, capazes de formular ideias e exercer criticamente sua cidadania.

A Educação Física, por sua vez, é uma área que tem alavancado muito sua atuação, se faz de extrema relevância nos diversos espaços que seus conhecimentos estão inseridos, desempenhando trabalhos científicos, sociais, biológicos, culturais, etc. O objeto central dessa pesquisa, que é a Dança, tornou-se um conteúdo que é abordado em diversos estudos da área, é um saber que desde os primórdios dos tempos acompanha a vida humana, possui sua própria graduação, mas também é uma esfera trabalhada pela Educação Física, fazendo parte da cultura do corpo e para o corpo, não somente como arte ou cultura, mas também como conhecimento.

CAPÍTULO IV METODOLOGIA

O método de investigação científica se trata de um dos elementos mais importantes para a construção de uma pesquisa, é, portanto, a base teórica e epistemológica que irá nortear a estruturação de determinado trabalho científico. Vale ressaltar que, deixar evidente o método transparece por parte do autor apropriação de sua pesquisa, deixando claro aos leitores a fidedignidade do trabalho. As pesquisas na área da Educação Física apresentam aspectos que contemplem um dos três métodos de investigação científica, podendo ser considerada Positivista, Fenomenológica ou Marxista.

A partir das análises feitas nos objetivos desta pesquisa a mesma se enquadra como Fenomenológica, sendo este método caracterizado pela busca da compreensão e descrição do fenômeno pesquisado. O conhecimento das concepções apresentadas pelos acadêmicos participantes do estudo foi o objetivo central desta análise, descrevendo seus entendimentos, interpretando as experiências vividas pelos mesmos, buscando compreender a Dança na formação inicial enquanto disciplina e conteúdo da Educação Física. Segundo Gamboa (2013, p.70):

[...] Para este tipo de abordagem, o conhecimento não está centralizado no objeto e sim no sujeito (*a priori*), a verdade é relativa a cada sujeito que, em relação com o objeto (*adequatio res ad intellectum*), interpreta-o e explica-o ao seu modo. O processo de construção do conhecimento na abordagem fenomenológica é um processo indutivo, pois vai das partes para o todo, do particular para o geral. [...] a abordagem fenomenológica exige a aproximação e a identificação do sujeito que se revela nos significados que interpreta com relação ao objeto, ao fenômeno estudado.

Esse processo investigativo norteou a construção desta pesquisa, respondendo perguntas e inquietações a fim de produzir rigorosamente a descrição do fenômeno.

Essa pesquisa se caracteriza como não experimental, tratando-se de um Estudo de Caso. Segundo (Ventura *et al.*, 2010, p.18) “[...] O Estudo de Caso pode desvelar uma situação específica, uma pessoa, uma família, uma escola, um clube, uma cidade, uma doença, uma deficiência, dentre outras possibilidades [...]”. Ou seja, busca-se nesse tipo de investigação aprofundar numa unidade específica, a fim de compreender as averiguações relevantes para a descrição do objeto pesquisado. É válido ressaltar que, corroborando com tudo que já foi dito anteriormente, esse estudo é delineado a partir dos objetivos como uma pesquisa descritiva.

Sendo assim, entende-se que é necessário analisar os dados obtidos na pesquisa e para isto é preciso utilizar os procedimentos corretos para não se perder nos caminhos da investigação. A pesquisa de cunho qualitativo, portanto, busca não medir ou mensurar algo, mas sim descrever e aprofundar detalhadamente os resultados encontrados, contemplando o objetivo desse estudo. Porém, vale ressaltar, segundo Ventura et al. (2010) que a qualidade não é pensada desconexa da quantidade, pois existe um movimento entre ambos processos, passando de quantidade para qualidade.

Por fim, é importante dizer que as técnicas de coleta de dados para elaboração da pesquisa, onde Ventura *et al* (2010, pgs.22 e 23) nos traz:

Os procedimentos de pesquisa se materializam pelas técnicas que procedem à coleta dos dados necessários para a análise, explicação e organização dos dados coletados sobre a realidade investigada e pelos instrumentos e materiais necessários para a referida coleta. As técnicas para a coleta de dados podem constituir formas isoladas ou complementares para seu intento e deverão atender os objetivos, o problema e as necessidades para a compreensão do objeto de investigação.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Para a construção teórica deste estudo foram utilizadas pesquisas bibliográficas que abordassem o objeto, dialogando com os objetivos e com a proposta da investigação. Como procedimento metodológico também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, para assim contemplar e sistematizar a pesquisa. De acordo com Triviños (1987, p.146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas foram destinadas aos discentes do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFFEGO), nesta entrevista estiveram presentes perguntas objetivas e subjetivas. Puderam participar da pesquisa os (as) alunos (as) que estão cursando a partir do terceiro período, pois a primeira disciplina de Dança (Dança I) acontece nesse momento da graduação. Vale ressaltar que diante da atual situação pandêmica mundial foram respeitados todos os

protocolos sanitários para realização desta pesquisa e todos os decretos estabelecidos pelo Governo do Estado de Goiás foram considerados, a fim de não colocar a saúde dos intervenientes em risco, firmando a importância das medidas preventivas emitidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, para as entrevistas utilizamos os meios digitais (e-mail, aplicativos de interação, etc.), evitando a disseminação do vírus sars-cov-2, protegendo a mim e aos outros.

As primeiras perguntas do questionário estavam centradas em compreender as concepções dos discentes antes de cursarem as disciplinas (Dança I e II), logo em seguida as perguntas abordaram suas percepções após cursarem as mesmas. Não haverá necessidade de terem cursado ambas as disciplinas, somente uma é suficiente para responder a entrevista, os (as) alunos (as) que estiverem cursando Dança I também poderão participar, uma vez que após iniciar os estudos na disciplina somos sim influenciados, possuindo a capacidade de transformar nossos conhecimentos, não havendo a necessidade de concluir a disciplina para tal.

Será utilizada também como procedimento técnico, a Análise de Conteúdo, onde os questionários aplicados pela pesquisadora foram explorados a fundo, a fim de extrair o máximo de informações, estejam elas explícitas ou implícitas nas respostas dos participantes, para assim dialogar com os conhecimentos preexistentes na literatura, havendo probabilidades de se obter novas descobertas para o objeto analisado. Triviños citando Bardin (1987, p.160) define a Análise de Conteúdo desta maneira:

[...] Esse autor diz que a análise de conteúdo é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens".

Por fim, é importante ressaltar que delimitar e prosseguir com os procedimentos corretos para a construção de uma pesquisa, se faz necessário para não extraviar-se dos objetivos do estudo, evidenciando aos leitores suas apropriações acerca do objeto pesquisado, transmitindo conhecimento e quem sabe novas descobertas.

4.2 Análise de Dados e Discussão

A análise dos dados obtidos foi organizada em categorias, sendo, portanto, três categorias discutidas da seguinte forma: Concepções e expectativas dos discentes com relação à disciplina de Dança; Experiências, frustrações e sensações relevantes na Dança reveladas pelos discentes; A disciplina de Dança em aulas remotas. Todas essas categorias foram analisadas a partir das respostas dos discentes participantes da pesquisa, foi elaborado um questionário na plataforma “Google Formulários”, composto por: dados de identificação e onze perguntas objetivas e subjetivas acerca das suas experiências/vivências e concepções com a Dança.

A pesquisa contou com vinte e oito (28) participantes de ambos os sexos respondendo o questionário de forma livre e consentida, sendo, portanto, apresentado a eles (as) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A identidade destes não foi revelada e não foram apresentadas todas as respostas, pois muitas delas se repetem, foram apresentadas àquelas que contemplem outras bem parecidas, para que assim a leitura não fique prolixa. Todas as respostas apresentadas foram fidedignamente transcritas nas análises, para discussão e aprofundamento das categorias da pesquisa. Nas respostas apresentadas os discentes foram chamados de forma anônima, como distintas versões foram expostas, busquei enumerar conforme a discussão, utilizando a letra “A” para representar a palavra “aluno (a)” e números para identificar o/a discente que está respondendo, sendo enumerado do 1 ao 28, levando em consideração do primeiro ao último participante que respondeu o questionário.

4.2.1 Concepções e expectativas dos discentes com relação à disciplina de Dança

Nesta primeira categoria foram analisadas as concepções e expectativas dos discentes antes de ingressarem na disciplina de Dança, neste primeiro momento foram consideradas as perguntas e respostas que revelaram seus posicionamentos antecipados a disciplina e também a área de conhecimento aprofundada nesta pesquisa.

Sabemos que a formação inicial, apesar de não apresentar de fato a realidade que podemos enfrentar na vida profissional, é o ponto de partida para que possamos experimentar novos conhecimentos. Na graduação, podemos transformar nossas concepções e construir uma bagagem científica que nos permita discutir criticamente novos saberes, dialogando assim com Miranda e Ehrenberg (2017, p.179) quando dizem “[...] a educação superior na condição de lócus investigativo e a universidade como contexto privilegiado de produção e socialização de conhecimentos”.

A primeira pergunta do questionário foi destinada a compreender se os discentes já possuíam algum tipo de vínculo com a Dança antes de ingressarem no curso de Educação Física, sendo que treze (13) participantes responderam que nunca tiveram experiência ou vínculo com a Dança, nove (9) responderam que sim e outros seis (6) participantes relataram que tiveram certo contato com a Dança, porém em momentos e lugares bem específicos, como por exemplo, o (a) aluno (a) **A16** respondeu: *“Pouquíssimo. Apenas em apresentações em competições de quadrilhas juninas e com a catira”* e também o (a) aluno (a) **A28** que respondeu: *“Apenas aulas de academia e salão”*, quer dizer a experiência desses seis participantes que responderam que sim, porém de forma breve e específica nos mostra que os mesmos não aprofundaram seus conhecimentos relacionados à Dança.

Cabe ressaltar aqui que os (as) discentes que responderam que nunca tiveram contato ou vínculo com a Dança, nos mostra a fragilidade de se abordar esse conteúdo em nossa trajetória acadêmica nos Ensino Fundamental e Médio, mesmo que a Dança seja conteúdo obrigatório da disciplina de Educação Física, ou muitas vezes em algumas instituições escolares na disciplina de Arte, esse conhecimento não é abordado efetivamente nas escolas, o que nos remete ainda a desvalorização da Dança no ambiente escolar. Segundo Marques (1997, p.22):

Mesmo que tenhamos conseguido superar as marcas negativas da história, uma visão ingênua para o ensino de dança, os pré-conceitos, ainda temos dificuldades no Brasil para obtermos informações, termos experiências práticas e discussões críticas em relação ao ensino de dança. Na grande maioria dos casos, professores (as) não sabem exatamente o que, como ou até mesmo porque ensinar dança na escola.

A segunda pergunta da pesquisa, buscando entender um pouco mais sobre as concepções e expectativas que os participantes teriam com a disciplina de Dança, perguntei se ao depararem com a disciplina na grade curricular, se estes atribuíram alguma importância a Dança na sua formação inicial, obtendo respostas bem interessantes que são capazes de nos evidenciar corriqueiras discussões que cercam a Dança durante muito tempo. Ficaram em evidência nesta pergunta as respostas positivas, vinte e dois (22) participantes responderam que sim, a Dança é uma disciplina muito importante para a sua formação inicial, ressaltando sempre ser um conteúdo obrigatório da Educação Física, associando a Dança à Cultura Corporal e à expressividade do/no corpo, trazendo que o conteúdo deve ser estudado, compreendido e abordado na escola pelos professores de Educação Física e também nos

vários espaços de nossa atuação. Podemos comprovar isto na resposta do (a) aluno (a) **A7** dizendo: *“Sim, pois, com o objetivo de trabalhar no ambiente escolar, entendo a dança como parte essencial para se compreender o corpo na história e na cultura, através de suas práticas corporais”*. E também na resposta do (a) aluno (a) **A15**: *“Sim, principalmente com a consciência e cultura corporal”*.

As respostas que atribuíram importância à disciplina me surpreenderam bastante, pois particularmente, a Dança é um dos principais motivos de estar cursando Educação Física. Porém as respostas que não atribuíram importância a ela me surpreenderam ainda mais, pois foram bem pertinentes às angústias que a Dança sempre percorreu durante sua trajetória. Foi um total de seis (6) não, darei destaque em dois, sendo o (a) aluno (a) **A12** que relatou o seguinte: *“Não. Não havia atribuído importância, justamente por ser uma atividade cultural que não tinha interesse, em contribuição, pelo fato de não ter tido boas experiências com a mesma”*. Tal resposta me chamou muito a atenção pelo fato do (a) discente dizer que não teve boas experiências com a Dança e juntamente com o desinteresse, não atribuiu nenhuma importância à disciplina, algo que me fez pensar em inúmeros acontecidos que podem ter ocasionado tal coisa, já que o conteúdo sempre sofreu muito preconceito. Podemos citar os principais, inclusive, que é a Dança sempre estar relacionada ao corpo feminino, que dançar é “coisa de mulher”, sendo evidenciado por diversos autores como Marques (1997); Marques (1990); Ehrenberg e Gallardo (2005); etc.

Outro fardo que pode ser motivo da má experiência que este (a) participante teve com a Dança, pode estar ligado com o fato da Dança obter repúdio da religião durante muito tempo da história, muitas Igrejas a baniu por acreditar ser algo pecaminoso, Marques (1997, p.22) diz que: *“[...] ainda permeia em nossa sociedade um certo receio, ou talvez medo, do trabalho com o corpo. Talvez seja novamente antigo e repetitivo falarmos do "corpo pecaminoso" [...]”*, quer dizer, se este (a) discente vem de família religiosa, com certeza sofreu alguma influência em acreditar nessa realidade e não obter boas vivências com a Dança. São suposições que acreditei serem pertinentes, estando muito entrelaçadas no relato desse (a) participante, porém são somente suposições, mas vale ressaltar que acontece bastante, principalmente no ambiente escolar, onde precisamos nos desdobrar e reinventar para assim proporcionar boas experiências aos nossos alunos.

A outra resposta que me chamou bastante atenção foi do (a) aluno (a) **A13** dizendo: *“Atribui importância, porém menos do que outras disciplinas que julgava serem mais importantes. Porém ao longo do curso percebi que a disciplina de dança tem a mesma*

importância que qualquer outra disciplina do curso de educação física". O (A) discente conseguiu desconstruir sua concepção, algo que foi muito pertinente ser mostrado, pois este é um dos objetivos desta pesquisa e no final de sua resposta aborda tal mudança. E também evidenciar quando diz que a Dança no início era menos importante do que outras disciplinas do curso, uma realidade evidente na literatura, uma vez que a Dança quando comparada a outras disciplinas, como Fisiologia e Anatomia, tem o costume de ser desvalorizada (Nascimento e OehlsclargerKlee, 2012).

Podemos também associar e destacar que a Educação Física sempre foi desvalorizada quando comparada às demais matérias do currículo das escolas, como por exemplo, Português e Matemática, e a Dança dentro da Educação Física sofre preconceito quando comparada aos demais conteúdos que nossa área contempla, como por exemplo, os esportes coletivos, principalmente Futebol e Voleibol.

A terceira pergunta foi destinada para entender se em algum momento os discentes acreditaram que as disciplinas de Dança apresentadas no currículo do curso ensinariam apenas a dançar e elaborar coreografias, onde 53,6% (15 participantes) responderam que “não” e 46,4% (13 participantes) responderam que “sim”, ou seja, apesar de haver uma quantidade maior de alunos (as) que não acreditaram que a disciplina seria mera repetição de passos e elaboração de coreografias, a quantidade que acreditaram nessa realidade foi significativa, havendo diferença de somente dois (2) participantes. Essa realidade foi encontrada também no estudo de Nascimento e OehlsclargerKlee e as autoras argumentam que (2012, p. 46): “[...] o sujeito entrevistado relata que a Dança é apenas uma questão de memorização de coreografias, pode estar relacionado com o desconhecimento do que é a Dança para EF e seu valor, os benefícios que esta pode trazer para quem a vivencia”.

A quarta e última pergunta dessa primeira categoria, foi dedicada a compreender o posicionamento dos (as) discentes em relação ao preconceito que os (as) mesmos (as) tivessem com a Dança, por qualquer motivo evidente durante sua trajetória pessoal e também acadêmica, sendo que somente dois (2) responderam que sim, possuem preconceito. O (A) aluno (a) **A16** apresentou a seguinte resposta: “*Sim. Durante minha infância, sempre aprendi que dança era coisa pra menina*”. E também o (a) aluno (a) **A21** respondeu: “*Sim. Pela conotação sexual que se atribui a ela na sociedade brasileira*”. Apesar de ambas respostas terem sido negativas, podemos observar que tais preconceitos podem ser desconstruídos através de estudos, buscando compreender melhor a história da Dança, a primeira principalmente, pois atualmente muitos homens vivem da Dança, se reinventaram nela e

contribuem para que este preconceito seja desmistificado. Rudolf Laban é um excelente exemplo, viveu a Dança e nos deixou um repertório científico de grande contribuição para a mesma.

4.2.2 Experiências, frustrações e sensações relevantes na Dança reveladas pelos discentes

A segunda categoria desta pesquisa foi destinada a compreender as experiências dos discentes, aqui foram expostas suas frustrações e sensações, as percepções acerca da disciplina de Dança na sua formação. Buscaremos entender através de suas respostas quais foram suas dificuldades e se conseguiram transformar suas concepções.

Para que possamos atingir determinado objetivo, é necessário que busquemos conhecimentos, através da dedicação e da determinação em aprender algo, vamos transformando nossos saberes na medida em que novos saberes nos alcançam. Todo processo de ensino e aprendizado depende de ambas as partes, docente e discente, um depende do outro para aprender e ensinar juntos. Segundo Nascimento e OehlsclargerKlee (2012, p.47): “Usar o corpo em ação como sujeito no processo de educação propõe que o mesmo deixe de ser aquele à espera de um conhecimento pronto, como um depósito de informações, onde o educador insere seus conceitos e ideais e o educando apenas acata [...]”.

Na primeira pergunta dessa categoria, quis saber se os (as) alunos (as) sentiram-se satisfeitos com o processo de ensino e aprendizado, se durante e/ou após cursarem a disciplina suas dúvidas e expectativas foram sanadas, e como resultado obtivemos 67,9% (19 participantes) de resultado positivo, e 32,1% (9 participantes) de resultado negativo. Como premissa, podemos compreender essa porcentagem de discentes que não conseguiram sanar suas expectativas se olharmos a complexidade desta área de conhecimento, a Dança possui muito a oferecer e em apenas um semestre é difícil apreender tudo, revelando assim a importância de se buscar conhecimentos para além dos muros da universidade.

A segunda pergunta, tentando dialogar com a primeira, quis saber como foi a proposta da disciplina, se houve a práxis durante o processo, ou seja, se teoria e prática foram abordadas em conjunto, sem uma sobressair a outra, e como resultado 82,1% (23 participantes) disseram que houve sim a práxis, onde a teoria e a prática foram desenvolvidas em conjunto. E apenas 17,9% (5 participantes) relataram que não ocorreu a práxis, podendo relacionar esse resultado ao período atual que estamos vivendo de situação pandêmica, onde as aulas práticas foram temporariamente suspensas, havendo, portanto, somente aulas

teóricas. Ou mesmo que o docente tente elaborar aulas práticas para serem feitas em casa, é difícil conseguir assimilar e apreender conhecimento sem o auxílio do (a) professor (a), como é feito presencialmente.

Para a terceira pergunta, quis entender essa práxis, estabeleci quatro (4) supostas situações e obtive o seguinte resultado: 64,3% (18 participantes) disseram que as aulas eram escalonadas (uma teórica e uma prática); 17,9% (5 participantes) responderam que as aulas eram semanais (uma semana aula teórica e na semana seguinte aula prática); 14,3% (4 participantes) relataram que tiveram somente aulas teóricas; 3,6% (1 participante) relatou que só teve aulas práticas.

Essas três perguntas tornaram-se relevantes nesta pesquisa, pois acredito ser fundamental que o processo de ensino e aprendizado seja abordado em perfeita simbiose. Para que nós possamos nos tornar capazes de exercer criticamente nossa futura profissão, o (a) educador (a) é a pessoa que possui extrema importância no processo. Segundo Moreira e Barbosa (2018, p.265):

A docência é uma atividade especializada responsável pela socialização dos saberes produzidos e acumulados pelas gerações: a profissão do professor, uma atividade autônoma e sistemática regida por regras construídas coletivamente e guiadas pelo processo de reflexão que deve ocorrer antes, durante e após o fazer didático, em que sua significação inclui, entre outros elementos, a necessidade dos professores construírem saberes e competências específicas do ofício, adquiridos por meio de formação acadêmica.

Na quarta pergunta, adentrei ainda mais no objetivo geral da pesquisa, quis neste momento entender as mudanças/transformações no modo de pensar a disciplina de Dança durante e/ou após sua execução. Nos relatos dos participantes, busquei ler minuciosamente cada resposta e foram unânimes, todos (as) mudaram suas concepções, conseguiram enxergar a Dança para além do simples movimento ou dançar de forma desinteressada. Apresentarei várias respostas pertinentes, que foram mais aprofundadas, contemplando as outras que foram mais breves, porém resalto, todas foram de extrema importância.

O (A) aluno (a) **A3** disse que: *“Mudou completamente. Me foi apresentado uma outra perspectiva da dança e passei a observá-la como emissor daquele conteúdo, compreendendo sua importância na formação escolar, acadêmica e intelectual como disciplina e conteúdo da Educação Física”*. O (A) aluno (a) **A10** relatou: *“Com toda a certeza mudou minha forma de pensar. Através da disciplina eu entendi a importância da dança como manifestação artística e como ela acompanha o ser humano desde os seus primórdios”*. Ambas as respostas nos

revelam que a importância dada ao conteúdo foi transformada, evidenciando a capacidade que a Dança possui de se inserir na vida das pessoas, além da formação escolar, os participantes nos mostram o valor artístico e cultural da Dança.

O (A) aluno (a) **A12** respondeu: *“Sim. Pelo caráter crítico do curso, foi interessante ter tido acesso a esse aspecto da cultura corporal de modo integral, em seus aspectos técnico e simbólicos. A dança vai muito além do estético, entra na área do sensível, das emoções e expressões”*. O (A) aluno (a) **A13** disse: *“Sim. Percebi que a dança está além de uma atividade artística, de lazer ou espetáculo. Descobri que o ato de dançar está na cultura humana desde sempre, tem relação com o sagrado, forma de agradecimento, rituais das mais diversas finalidades”*. E também o (a) aluno (a) **A15**: *“Sim, expandiu minha forma de ver a dança. Antes eu a via só como movimentação corporal e não como conscientização da autonomia do indivíduo”*. Tais respostas contemplaram as esferas de expressão e conscientização da Dança, podemos entender que estes participantes conseguiram contemplar esta área de conhecimento como algo além da técnica ou do movimento por si só, mas com autonomia é um aprendizado capaz de atingir integralmente os indivíduos.

Por fim, destaco mais duas respostas bastante pertinente do (a) aluno (a) **A16**: *“Completamente! Hoje eu entendo a importância e a necessidade das danças, clássicas e populares, nas escolas. Inclusive participo de um grupo de estudos sobre as danças populares, onde estudo com mais profundidade a catira e a cultura caipira”*. E do (a) aluno (a) **A23**: *“Muito. Entendi o real conceito, há um mundo gigante fora da dança clássica, porque imaginava bale, jazz. essas danças elitizadas, hoje vejo uma abertura maior para ensinar, como exemplo as danças culturais brasileiras, umbigada, batuque paulista, jongo, dentre outros”*. Estes compreenderam que existem vários tipos de Dança e que nenhuma se sobrepõe à outra, todas possuem sua importância e valor cultural.

Estes relatos reforça a ideia que somos seres pensantes e capazes de construir novos conhecimentos, que o aprofundamento nos diversos saberes existentes é capaz de transformar nossas concepções, nos permitindo refletir e apreender ensinamentos que antes poderiam ser desconhecidos, a fim de sermos mais íntegros e críticos em nossos posicionamentos.

A quinta e última pergunta dessa categoria, busquei compreender nas respostas dos (as) participantes, levando em consideração seus posicionamentos e mudanças de concepções observadas na questão anterior, quis entender se estes acreditam ser possível abordar o conteúdo de Dança no ambiente escolar. As respostas de forma integral foram positivas, nenhum (a) dos (as) discentes acreditaram não ser possível, darei destaque para algumas.

O (A) aluno (a) **A7** atribuiu a seguinte resposta: *“Sim, para discutir a história e a cultura. Desconstruir preconceitos e estereótipos. Refletir, além disso, as possibilidades do corpo, podendo contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora e autonomia”*. Dialogando com essa resposta, o (a) aluno (a) **A10** disse que: *“Sim. Foram apresentadas várias maneiras pedagógicas que seriam interessantes de levar para a escola (superando essas questões de timidez dos alunos e até mesmo o preconceito)”*. Ou seja, ambos (as) participantes acreditam nas viabilidades de se inserir a Dança no ambiente escolar, a fim de desconstruir o preconceito e através de uma prática pedagógica organizada e pensada de acordo com as possibilidades e objetivos propostos em cada aula, proporcionar aos alunos através da Dança autonomia e conhecimento de seus corpos. Inclusive, na resposta de um (a) participante, pude contemplar essa realidade, quando este (a) argumenta que teve aula de Dança na escola e foi totalmente importante para sua própria pessoa e também para a escola em si, foi o (a) aluno (a) **A22** que transferiu a seguinte resposta: *“Sim com certeza! Sou exemplo de quem teve acesso a dança na escola isso desenvolveu total pois eu era extremamente tímida e a partir da dança minha escola mudou muito desde o olhar e opinião de professores sobre dança até evitou agressões na escola por parte de estudantes”*.

Destaco também a resposta do (a) aluno (a) **A13**:

Acredito que sim. A dança faz parte da cultura corporal e deve ser um conhecimento transmitido aos estudantes desde a educação infantil até o ensino médio, mas não se trata de ensinar a dançar, para isso existem as escolas de dança, é passar para as crianças que a dança, todas elas, fazem parte da cultura humana e assim como qualquer outro elemento da cultura corporal modifica e é modificada pela sociedade.

Fazendo uma conexão com a resposta anterior e também com várias respostas apresentadas no questionário que estavam nesta mesma linha de raciocínio, o (a) aluno (a) **A16** concedeu a seguinte resposta: *“Não só possível como necessário. É um dos elementos que compõem a cultura corporal e, por isso, precisa estar nas escolas. Proporcionar a vivência e os estudos das máximas possibilidades, dos elementos construídos historicamente pelo homem, para mim, é o objetivo da educação física escolar”*. Essas respostas me fizeram perceber o quanto de dedicação estes (as) participantes dará à sua prática pedagógica, pois acreditam que a Dança tem muito a oferecer no ambiente escolar, ressaltando sua importância cultural e suas diversas possibilidades. Segundo Barreto (2004, p.117):

[...] a Educação Física também pode contribuir de forma relevante para a área da Dança, ampliando discussões sobre a corporeidade e a motricidade humana que atribuem ao corpo que dança um sentido muito maior do que lhe foi concedido por

muito tempo, no contexto de práticas tradicionais que privaram estes corpos da sua própria identidade e expressividade [...].

A Dança é, portanto, não somente obrigatória como também necessária no ambiente escolar, através dela podemos contemplar integralmente nossos (as) alunos (as), estimulando a criatividade, a autonomia, proporcionando estes conhecerem as diversas expressões culturais que a Dança possui, desmistificar preconceitos e fazê-los entender que a Educação Física engloba muitos saberes, que vão para além dos esportes coletivos, mas sempre ressaltando que todos os conteúdos da área são importantes e podem contribuir com seu desenvolvimento motor, cognitivo, social, etc.

4.2.3 A disciplina de Dança em aulas remotas

Esta categoria se fez necessária na medida em que nas respostas das duas últimas perguntas do questionário, observei que a pandemia causada pelo vírus Covid-19 influenciou bastante o aprofundamento por parte dos (as) alunos (as), tanto por falta de contato com o docente e com os colegas de turma. Com o distanciamento social e o fechamento temporário de muitos estabelecimentos privados e públicos, muitas IES configuraram suas aulas presenciais para aulas remotas, ou seja, online. Consequentemente, essa realidade afetou totalmente a forma de ensinar por parte dos docentes e o processo de aprender por parte dos discentes.

A pandemia teve seu estopim no ano de 2020, mais especificamente no mês de Março para Abril, onde ocorreu alta disseminação do vírus Sars-Cov-2, tendo meses com grandes picos de internações e óbitos, o que ocasionou muitos problemas e potencializou as mazelas já existentes em nossa sociedade. O desemprego, a precariedade na saúde, baixa nos salários e preços elevados de tudo, óbitos por toda parte do Brasil e do mundo, enfim, a precarização do trabalho de forma remota foi mais um dos infortúnios trazidos pela pandemia.

Além de transformar as aulas presenciais em remotas, o que dificultou muito a forma de ensinar dos docentes, pois estes tiveram que se adaptarem às “novas formas” de trabalhar, se adequarem com seus procedimentos metodológicos, elaborarem aulas que utilizassem recursos tecnológicos, associar a rotina do denominado *home office* com as obrigações da prática docente, tivemos também as lacunas vividas pelos discentes, principalmente àqueles que não possuíam internet em casa, aparelhos adequados para acompanhamento das aulas, enfim, virou um caos.

Com o tempo, atualmente mais de um ano sobrevivendo a essa pandemia, algumas coisas foram flexibilizadas, ou talvez esquecidas, pois parece estar tudo bem mesmo sabendo que não está. Ainda estamos vivendo a Covid-19, avançamos muito com relação à vacinação, porém muito ainda precisa ser feito. Algumas escolas voltaram com as aulas presenciais, porém essa realidade ainda está em discussão, já que novas variantes do vírus estão surgindo, o que pode ocasionar em um “novo caos”, o que longe de todos, não queremos.

A primeira pergunta que consegui observar as contrariedades descritas pelos (as) alunos (as) foi sobre as dificuldades que estes encontraram ao cursar a disciplina de Dança, muitas respostas ficaram no âmbito de conseguir “se soltar”, movimentar o corpo, transmitir seus sentimentos através da Dança, percebendo nas respostas desses (as) discentes que os (as) mesmos (as) cursaram a disciplina presencialmente, pois evidenciaram isto em suas argumentações. Tivemos participantes que relataram não ter possuído nenhuma dificuldade também, nos mostrando que o processo para estes (as) foram satisfatórios, já que conseguiram desfrutar e não possuir nenhuma adversidade durante o processo.

Já os (as) alunos (as) que cursaram a disciplina de forma remota, deixaram bem claro suas dificuldades relacionadas a esse formato de ensino, o (a) aluno (a) **A4** relatou: *“Infelizmente foi ofertada e num momento de pandemia e foi somente abordado a teoria”*. O (a) aluno (a) **A7** respondeu que: *“A pandemia do Covid-19 fez com que eu cursasse as duas disciplinas com pouquíssimas aulas práticas e diálogos entre professores e acadêmicos. Portanto, a falta disso dificultou muito”*. Ambas as respostas revelam que a falta de aulas práticas e as trocas de experiências que fazemos durante o processo de ensino e aprendizado foram dificuldades encontradas durante as aulas remotas.

Tivemos também os relatos do (a) aluno (a) **A13** que disse: *“A principal dificuldade foi em relação às aulas remotas, toda a disciplina foi realizada de forma remota, somente com aulas teóricas”*. E o (a) aluno (a) **A18** que revelou: *“Por ser em ensino remoto foi mais trabalhoso por falta do contato direto com a professora”*. Além dessas respostas, obtive outras nesse mesmo sentido, ou seja, as perdas que estes (as) alunos (as) tiveram com a falta de contato presencial com os docentes, e claro, a transferência de experiência que temos com os demais discentes da turma, algo que ocorre muito em aulas práticas, foram perdas irreparáveis para o seu processo de ensino.

É evidente que a pandemia influenciou muito negativamente o nosso processo de aprender, tivemos muitos entraves, principalmente pela falta de contato com outras pessoas. A Educação Física é um curso que envolve muita prática, nós como futuros professores não

precisamos ser dominadores de todos os conteúdos, mas precisamos ter um aporte teórico e prático para exercer uma docência efetiva. Se teoria e prática andam juntas, se uma se perde ao longo do processo, com toda certeza será uma desorientação para nossa carreira profissional.

A segunda pergunta e última do questionário, que envolveu muito relatos sobre a pandemia, foi uma sugestão de melhoria relacionada à disciplina. Muitas respostas sugeriram melhoria na metodologia das aulas, requerendo um pouco mais de aulas práticas, outros não opinaram, disseram não ter nenhuma sugestão, pois se sentiram satisfeitos com a aprendizagem.

Já os (as) alunos (as) que cursaram a disciplina de forma remota, expuseram suas sugestões, que na verdade acaba sendo uma angústia para estes (as), uma vez que não se tem o que fazer, pois a pandemia foge do “nosso controle”. O (a) aluno (a) **A4** respondeu: *“Sim! Por limitações que fugiu do controle em específico a maneira na qual a disciplina foi ofertada, mais acredito que se havendo possibilidade, avançar mais em relação a prática”*. O (a) aluno (a) **A7** disse: *“Não posso sugerir, pois, a disciplina estava afetada pela pandemia em níveis que dificultassem o ensino e aprendizagem”*.

Tivemos também os relatos do (a) aluno (a) **A9** que pronunciou: *“Pelo fato de ter pego a disciplina na pandemia acho que faltou um pouco de prática, apesar de o professor pedir sua realização em casa envio em forma de vídeo”*. E do (a) aluno (a) **A13** que destacou: *“Difícil fazer essa avaliação tendo em vista que as aulas foram remotas, muitas assíncronas. Acredito que em situação presencial a experiência seria muito mais proveitosa”*. Quer dizer, mais uma vez observamos as lacunas deixadas pela pandemia no processo de ensino desses discentes.

Fica evidente no relato dos (as) participantes da pesquisa, que a pandemia causada pelo vírus Covid-19 ocasionou em perdas para estes, resalto também que além dessas respostas trazidas ao longo desta categoria da pesquisa, obtive retornos de discentes até mesmo no meu e-mail pessoal com relatos de dificuldades em acompanhar as aulas online por falta de um equipamento eletrônico adequado e também o quanto as aulas remotas foram prejudiciais para o processo de aprendizagem desses discentes. Vale salientar que houve sim esforço por parte dos docentes das disciplinas em ensinar e também dos discentes em aprender, porém sabemos que o aproveitamento não é o mesmo, ficando isto evidente nas participações dos acadêmicos (as).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que a Dança é uma construção histórica que percorreu uma trajetória longa até chegar onde está. Como todo conhecimento este passou por transformações, descobertas e obstáculos para permanecer na vida dos seres que pulsam, que sentem, que experimentam a Dança. Inicialmente carregada de simbolizações de variadas esferas, como por exemplo, sagradas, culturais, artísticas, etc., atualmente continua sendo uma área de conhecimento que aborda estes e muitos outros âmbitos.

A Dança além de possuir sua própria graduação e também cursos específicos que qualifiquem profissionais em âmbitos diversos, contemplamos este conhecimento introduzido no curso de Educação Física, sendo um dos conteúdos dela no âmbito da formação inicial e posteriormente na prática. Vale ressaltar que a Dança, atualmente, é um conteúdo obrigatório para ser desenvolvido no âmbito escolar, e mesmo que não seja na Educação Física, deve ser explorada para além de meras construções coreográficas, como ocorre nas escolas em festas juninas ou apresentações em datas comemorativas.

É sabido que as contribuições que a Dança pode proporcionar a todos (as) que se permitam experienciar esta prática, são diversos. O indivíduo pode ser atingido integralmente, em seus aspectos sociais, cognitivos, motores, etc., sendo que a Dança desmistifica preconceitos, quebra tabus, nos faz conhecer diferentes culturas, enfim, é uma área de conhecimento completa e que precisa ser estudada.

Apesar das várias contribuições já existentes, ainda precisamos avançar mais em pesquisas que abordam o tema, acredito que toda construção científica que impulsiona um determinado conhecimento é de grande valia para a comunidade em geral.

Através da pesquisa, pude contemplar minhas expectativas, quando comecei a cursar a graduação, tive uma ansiedade tremenda em iniciar os estudos nas disciplinas de Dança introduzidas na grade curricular, acreditei que iria ser uma bailarina, vislumbrei nas disciplinas somente o lado do espetáculo, pois sempre tive como convicção que a Dança era “só saber dançar”. Ao me deparar com a realidade, mudei totalmente minha percepção, consegui ver que estava errada e compreender que a Dança é um conhecimento muito além das minhas formulações e convicções. Essa realidade me inquietou durante toda a graduação, quis saber se somente eu tinha tais concepções, quis entender a realidade no discurso dos meus companheiros (as) de graduação, tornando assim essa excitação em pesquisa.

Com isto, podemos compreender através das análises feitas neste estudo, que a percepção antes e depois de cursar determinada disciplina pode ser transformada, nós enquanto seres pensantes vamos transformando nossos conhecimentos conforme nossas vivências, expectativas, frustrações, ficando evidente tais mudanças nas respostas dos (as) participantes da pesquisa.

A Educação Física e a Dança são duas áreas de extrema importância, conforme os estudos feitos durante todo o processo, podemos perceber o quanto essas duas esferas progrediram cientificamente, colaborando com o desenvolvimento da área de conhecimento em si e com a sua permanência na vida das pessoas em geral, não somente profissionais ou acadêmicos, mas também daqueles que de alguma forma são beneficiados por estes conhecimentos.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALVES, Rita F. **Dança folclórica na escola: cultura, identidade, pertencimento e inclusão.** Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013.

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BERNARDES, Danilo Ribeiro. **Processo histórico e transformações curriculares no curso de formação de professores de Educação Física da ESEFFEGO/UEG.** Monografia – Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2013.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar?** Pensar a Prática 6: 45-58, Jul./Jun. 2002 – 2003.

BRASILEIRO, Livia Tenório; SOUZA, Ana Aparecida Almeida de. **Saberes docentes de professores de Educação Física sobre o conteúdo dança.** Motrivivência, (Florianópolis), v.31, n.59, p. 01-18, julho/setembro, 2019.

COELHO, R.; SILVA, G.C. **UEG e a Pandemia: exclusão digital e precarização do trabalho.** In: Anais do XII seminário do trabalho: crise capitalista, precarização do trabalho e colapso ambiental: volume 1 / organização Roberto Leme Batista. – 1. Ed. – Marília, SP: Projeto editorial Praxis, 2021.

EHRENBERG, Mônica Caldas; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. **Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar.** Motriz, Rio Claro, v.11, n.2, p.121-126, mai./ago. 2005.

FIAMONCINI, Luciana. **Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética.** Pensa a Prática 6: 59-72, Jul./Jun. 2002-2003.

FRED. **Atividade Avaliativa – Educação Física.** Prefeitura de Santos, Secretaria de Educação – UME Prefeito Esmeraldo Tarquínio, 31/08/2020 a 11/09/2020.

GARCIA, Elena Moraes; EARP, Helenita Sá; VIEYRA, Adalberto Ramon; EARP, Ana Célia Sá. **Dança e ciência: uma reflexão preliminar acerca de seus princípios filosóficos.** Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ, p. 63-69, 2008.

GOMES, Antônio Sérgio Milani. **Uma análise fenomenológica do Dançar nos discursos dos formandos em Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, 157 f.; 30 cm, São Paulo, 2007.

GUSSO, Silmara. **História da Dança: processo evolutivo da arte corporal.** Monografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

JÚNIOR, Geraldo Alves de Oliveira. **Dança: um instrumento pedagógico para as aulas de Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, Brasília, Junho de 2015.

KUNZ, Ana Carolina Vianna; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; OSBORNE, Renata; CORREIA, Adriana Martins. **Sentidos da Dança: concepções de alunos de educação física.** Educación Física y Ciencia, v.21, n°1, e71, enero-marzo 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MAGALHÃES, Marta Claus. **A dança e sua característica sagrada.** “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano I - Número I – janeiro a dezembro de 2005.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; SURDI, Aguinaldo César; GRUNENVALDT, José Tarcísio; KUNZ, Elenor. **Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia.** Movimento, Porto Alegre, v. 19, n.01, p.243-263, jan/mar de 2013.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola.** Motriz - Volume 3, Número 1, Junho/1997.

MARQUES, Isabel M. M. de Azevedo. **Dança e Educação.** R. Fac. Educ., São Paulo, 18(1/2): 5-22, jan./dez. 1990.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura.** Pensar a Prática 12/2: 1-10, maio/ago. 2009.

MIRANDA, Rita de Cássia Fernandes; EHRENBERG, Mônica Caldas. Compendo percursos gestuais: a dança na formação inicial de professores de Educação Física. **Educar em Revista,** Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 177-192, out./dez. 2017.

MIYABARA, Renata; MIRANDA, Maria Luiza J. O Conteúdo Curricular Dança e a Formação e Atuação de Professores de Educação Física. In: NETO, Anunciato Storopoli. **Revista Santa Rita.** São Paulo, ano 07, número 13, junho de 2012.

MOURA, Gilsamara. **Contextos Múltiplos na Dança.** Salvador: UFBA, Escola de Dança, 2016. 92p.

MOREIRA, Evandro Carlos; BARBOSA, Elisangela Almeida. **A Dança na Educação Física: saberes propostos na formação inicial.** Pensar a Prática, Goiânia, v.21, n.2, p.1-12, abr./jun.2018.

NASCIMENTO, Flávia Marchi; OEHLSCLAGERKLEE, Maria Helena. **A Dança como Componente Curricular no Curso de Educação Física da ESEF/UFPEL.** Revista Didática Sistêmica, v. especial, n.1, p.39-52, 2012.

PEREIRA, Mariana Lolato; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. **Limites do ensino de dança na formação do professor de Educação Física.** Motriz, Rio Claro, v.15, n.4, p.768-780, out./dez. 2009.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação [recurso eletrônico]: interfaces entre corporeidade e estética/** Karenine de Oliveira Porpino. – 2. Ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2018.

ROCHA, Kamila Mayara de Sousa. **O ensino da dança: a ótica dos formandos de 2015 do curso de Educação Física da Universidade de Brasília.** Trabalho de Conclusão de Curso, 21 páginas, Brasília – DF, Junho-2016.

SARAIVA, Maria do Carmo. **O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação.** Movimento, Porto Alegre, v.11, n.3, p.219-242, setembro/dezembro de 2005.

SILVA, Jordana Karla Lopes. **ESEFFEGO: processo histórico e relevância na formação de professores de Educação Física.** Monografia – Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2013.

SILVA, Mariana Teixeira da; COSTA, Martina Gonçalves Burch. **A disciplina de Dança no curso de Educação Física de uma Universidade particular do Sul do País.** In: IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Cadernos Cedes, ano XXI, nº 53, abril/2001.

TEREZANI, Larissa Aurea. **A dança como componente curricular na licenciatura em educação física: desafios e possibilidades.** Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 171f., 2017.

TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. **Algumas perguntas sobre dança e educação.** Joinville: Nova Letra, 2010. 228 p. Vários autores.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928–. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação / Augusto Nivaldo Silva Triviños.** – São Paulo: Atlas, 1987.

REFERÊNCIAS – SITES

ABRA. **Academia Brasileira de Arte, 2021.** Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/quais-sao-as-7-artes/>. Acesso em: 13/02/2021.

OPAS. **Organização Pan-Americana da Saúde, 2021.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 14/02/2021.

APÊNDICES

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado aos alunos (as):

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **DANÇA E CONHECIMENTO: ANÁLISE DA DISCIPLINA NO DISCURSO DE ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é o de investigar as concepções que são atribuídas à Dança enquanto disciplina na formação inicial, a fim de entender as convicções da importância desta vivência na percepção dos discentes. A nossa pesquisa constituirá como objetivos específicos desvendar as convicções atribuídas ao conteúdo de Dança durante a vivência pelos discentes participantes na disciplina; analisar a importância da disciplina enquanto arte antes e depois de sua experiência epistemológica com o objeto; compreender as possíveis mudanças no modo de ver e pensar a Dança como fator constituinte da Educação Física. O objetivo desse projeto consiste em compreender através do discurso dos acadêmicos de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Eseeffego – Goiânia, quais suas concepções sobre o conteúdo Dança durante e após o processo de execução da respectiva disciplina na formação inicial. Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa serão de caráter qualitativo e exploratória, com entrevistas semiestruturadas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados das entrevistas serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste

consentimento informado será arquivada no Curso de Educação Física UEG campus Goiânia ESEFFEGO e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O professor orientador Me. Renato Coelho e a estudante-pesquisadora Mirelly Nazario Santos certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante Mirelly Nazario Santos no telefone (62) 99217-3634, como também o professor orientador Me. Renato Coelho no telefone (62) 98181-4246.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

| | | |
|------|----------------------------|------|
| Nome | Assinatura do Participante | Data |
|------|----------------------------|------|

| | | |
|------|----------------------------|------|
| Nome | Assinatura da Pesquisadora | Data |
|------|----------------------------|------|

| | | |
|------|--------------------------|------|
| Nome | Assinatura da Testemunha | Data |
|------|--------------------------|------|

Modelo da entrevista apresentada no questionário:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
 ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Entrevista – direcionada aos discentes

| |
|----------------|
| Data: __/__/__ |
| Hora: __:__ |

1) Nome: _____
 Idade: _____ Sexo: M () F () Período: _____

- 2) Antes de ingressar no curso de Educação Física, você já possuía algum vínculo com a Dança?
- 3) Quando observou a disciplina de Dança na grade curricular do curso, você atribuiu alguma importância a ela para sua formação? Explique.
- 4) Em algum momento acreditou que a disciplina era composta simplesmente em aprender a dançar, elaborar coreografias?
- 5) Você possuía algum preconceito em relação à Dança? Explique.
- 6) Durante e/ou após a execução da disciplina, conseguiu sanar suas expectativas? Sentiu-se satisfeito com o processo de ensino e aprendizado?

- 7) A disciplina Dança envolveu a práxis? Ou seja, a teoria e a prática foram abordadas juntas ou separadas?
- 8) De que forma ocorria essa práxis? Aulas escalonadas (uma teórica e uma prática)? Ou uma semana de aula prática e uma semana de aula teórica? (levando em consideração serem duas aulas por semana).
- 9) A partir das experiências vividas e concepções construídas antes e depois de cursar a disciplina, observou alguma mudança no seu modo de pensar a Dança enquanto arte? Explique.
- 10) Quais as principais dificuldades você encontrou ao cursar a disciplina?
- 11) Você acredita ser possível abordar o conteúdo de Dança no ambiente escolar?
- 12) Sugere algum ponto de melhoria em relação à disciplina? Explique.